

ALIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • MAIO DE 1997



A LIAHONA



NA CAPA:

Primeira capa: Christian Tarjei Gylseth, 16 anos, da Ala Três, Estaca Oslo, Noruega. Última capa: Algumas Lauréis e sacerdotes noruegueses em uma conferência de jovens. Ver "Partilhar o Fardo", página 10. (Fotografia de Janet Thomas e Bryant Livingston.)

CAPA DA SESSÃO INFANTIL:

Uma menina de oito anos é batizada em Roi Et, na Tailândia. (Fotografia cedida por Acey Harper, The Mission.)

ARTIGOS

- 2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: PERFIL DE FÉ
PRESIDENTE THOMAS S. MONSON
- 16 OS PERIGOS ESPIRITUAIS DE PROCURAR DEFEITOS NAS PESSOAS
MARK D. CHAMBERLAIN
- 21 ELES ME ACOLHERIAM NOVAMENTE? AURELIA S. DIEZON
- 26 "AJUDE-ME A AJUDAR RUTH" RUTH HARRIS SWANER
- 28 UMA MOEDA E UMA PÉROLA JERRY BORROWMAN
- 34 PIONEIROS! MOSTRA DE RECENTES TRIBUTOS ARTÍSTICOS
- 38 UMA QUINTA-FEIRA COMUM GABRIELLE LAROSE
- 40 PIONEIROS DOS ANDES ALLEN LITSTER

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

- 8 MISSÃO EM CASA SREE DEVI KOMMU
- 10 PARTILHAR O FARDOS JANET THOMAS
- 14 ELE ME DIRÁ TERRIE LYNN BITTNER
- 22 PERGUNTAS E RESPOSTAS: SOU MEMBRO DA IGREJA,
MAS POR QUE SOU INFELIZ?
- 32 BEM SINTONIZADO LISA M. GROVER

DEPARTAMENTOS

- 1 COMENTÁRIOS
- 25 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: PODEMOS SABER QUE ELE É

SEÇÃO INFANTIL

- 2 DE UM AMIGO PARA O OUTRO: ÉLDER JEFFREY R. HOLLAND
- 4 TEMPO DE COMPARTILHAR: BATISMO: MEU PRIMEIRO CONVÊNIO
KAREN ASHTON
- 6 O ESPÍRITO DEU-ME CORAGEM GBENGA ONALAJA
- 8 DESCER PEQUENOS DEGRAUS, SUBIR UM GRANDE DEGRAU
- 10 FICÇÃO: O RAIAR DE UM NOVO DIA RAY GOLDRUP
- 13 SÓ PARA DIVERTIR: PERSONAGENS DO NOVO TESTAMENTO
JANET PETERSON
- 14 ESTUDANDO: UMA CASA PARA O SENHOR SHERRIE JOHNSON



A Primeira Presidência: Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson, James E. Faust

Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, Henry B. Eyring.

Editor: Jack H. Gaasland

Consultores: L. Lionel Kendrick, Wm. Rolfe Kerr

Administradores do Departamento de Currículo:

Diretor Gerente: Ronald L. Knighton

Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly

Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg

Equipe Editorial:

Editor Gerente: Marvin K. Gardner

Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson

Editores Adjuntos: David Mitchell, DeAnne Walker

Assistente Editorial: Jenifer Greenwood

Coordenadora Editorial e de Produção: Maryann Martindale

Assistente de Publicações: Beth Dayley

Equipe de Diagramação:

Editor Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen

Diagramação: Shari Cook

Gerente de Produção: Jane Ann Peters

Produção: Reginald J. Christensen, Denise Kirby,

Matthew H. Maxwell

Equipe de Assinaturas:

Diretor: Kay W. Briggs

Gerente de Circulação: Kris Christensen

Gerente: Joyce Hansen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Luiz Alberto Andrade Silva (Reg. 17.605)

Tradução: Reynaldo J. Pagura

Notícias Locais: Antônio Fernandes Macedo

Assinaturas: Loacir Severo Nunes

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

ASSINATURAS: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada a:

Departamento de Assinaturas de A Liahona

Caixa Postal 26023

05599-970 – São Paulo, SP

Preço da assinatura anual para o Brasil: R\$ 15,00.

Preço por exemplar em nossa edição: R\$ 1,50.

Para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 – Miratejo, 2800 – Almada.

Assinatura Anual: 1.300\$00; Para o exterior: Exemplar avulso: US\$ 3,00, Assinatura: US\$ 30,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – ©1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. A edição brasileira de "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº4857, de 9-11-1930. "International Magazines" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias são publicadas mensalmente em chinês, dinamarquês, holandês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco, e tonganês; seis vezes por ano em indonésio e tailandês; e trimestralmente em búlgaro, checo, húngaro, islandês e russo. Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. – Rua Bresser, 1224 – Brás – São Paulo – SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindos os colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional de "International Magazines". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 – 05512-300 – São Paulo – SP. Telefone (011) 818-0344.

The A LIAHONA (ISSN 1044-3428) is published by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. USA and Canadian subscription price \$9.00 per year. Sixty days' notice required for change of address. Include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send USA and Canadian subscriptions and queries to Salt Lake Distribution Center, Church Magazines, P.O. Box 26368, Salt Lake City, Utah 84126-0368, USA. Subscription helpline telephone number: 1-800-453-3860. U.S. Ext. 2947; Canada Ext. 2031. Periodicals postage paid at Salt Lake City.

Printed in Brazil.

POSTMASTER: Send address changes to Salt Lake Distribution Center, Church Magazines, P.O. Box 26368, Salt Lake City, Utah 84126-0368, USA.

COMENTÁRIOS



CONSELHO SÁBIO

Ao lermos a Mensagem da Primeira Presidência, intitulada "Quatro Coisas Simples para Ajudar à Família e à Nação", na *Liahona* (espanhol) de junho de 1996, ficamos impressionados com as palavras do profeta, Presidente Gordon B. Hinckley. O artigo fez-nos pensar em como éramos inconstantes em relação à Igreja e em como, sem perceber, estávamos desviando nossa família do caminho correto. A mensagem ajudou-nos a renovar o compromisso com os valores que a liderança nos ensina. Sentimo-nos cheios de ânimo e fé depois de ler o sábio conselho do Presidente Hinckley.

Fernando e Eva Ocumare

Ala Mendoza, Santo Domingo

Estaca Oriental da República Dominicana

OPORTUNIDADES DO EVANGELHO

PARA A JUVENTUDE

Tenho 17 anos e, com frequência, sinto que o Senhor está derramando Seu espírito sobre a juventude da Igreja em todo o mundo. Ele tem-nos dado muitas oportunidades de crescimento, por intermédio do programa do seminário, de conferências de jovens, de acampamentos das Moças e da *Liahona*. Testifico que cada um de nós é filho de Deus e que Ele nos ama muito.

Rutsu Taneoka

Ala Machida I

Estaca Machida Japão

MENSAGENS INSPIRADORAS

Fui batizada na Igreja, com uma de minhas filhas, em 25 de julho de 1993.

Entretanto, uma outra filha que ouvira as palestras dos missionários conosco não se batizou. Mais tarde ela ouviu as palestras novamente, mas ainda assim não se batizou. Decidi dar-lhe uma assinatura da *Liahona* (espanhol). Essa ajuda extra abriu as portas para que ela recebesse o testemunho do Espírito e, em poucos meses, ela converteu-se. Atualmente aguardo com ansiedade as mensagens que tanto inspiram e elevam o espírito.

Mireya Josefina Almea de Rodríguez,

Ramo Bolívar,

Estaca Barcelona Venezuela



LIAHONA DE GRANDE VALOR

A revista *Liahona* (espanhol) tem um grande valor para mim. A primeira coisa que faço ao recebê-la é ler a Mensagem da Primeira Presidência e aplicá-la a minha vida. Leio também as experiências pessoais de outros membros da Igreja.

Outra sessão excelente da revista é a de Perguntas e Respostas. As respostas para a pergunta "Há algo de errado em assistir a novelas de televisão?", publicada em fevereiro de 1996, serviram de orientação útil para mim e minha família.

Não existe nada mais importante em minha vida e que me traga mais paz e alegria do que o evangelho de Jesus Cristo e minha condição de membro ativo em Sua igreja verdadeira.

Carlos Arturo Durán Rojas,

Ala Real de Minas

Estaca Bucaramanga Colômbia



PERFIS DE FÉ

Presidente Thomas S. Monson

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

“Quando Evan Stephens era regente do coro do Tabernáculo, ficou profundamente tocado por um discurso proferido pelo falecido Presidente Joseph F. Smith” a respeito da fé da juventude SUD.

“Terminada a reunião, o professor Stephens subiu a pé o desfiladeiro City Creek, ponderando as palavras inspiradas do Presidente. Sentado sobre uma rocha que se escorava firmemente contra a força da correnteza, sentiu subitamente [a inspiração dos céus] (. . .) e escreveu a lápis”¹ as seguintes palavras:

*Deve Sião fugir à luta?
Deve agora desistir?
Se espreita o inimigo
Que espera nos ferir? Não!
Sempre fiéis nossa fé guardaremos,
Sempre valentes, com ardor lutaremos.
A nossa mão e o coração,
A teu serviço, Senhor, estão.²*

Naqueles dias, os jovens certamente enfrentavam desafios árduos e problemas terríveis. A juventude não é uma época fácil e livre de dúvidas cruéis. Não era fácil naquele tempo, e tampouco o é em nossos dias. Na verdade,



Estamos numa época de novos desafios, problemas e tentações, mas centenas de milhares de jovens santos dos últimos dias estão-se esforçando constantemente e servindo com diligência e fidelidade.

com o passar do tempo, os problemas dos jovens parecem tornar-se cada vez maiores e mais variados. As tentações continuam imensas no horizonte da vida. Relatos

O Presidente Kimball disse: "Peça-lhe que venda sua coleção de selos. Esse sacrifício será uma bênção para ele. (. . .) Providenciem para que guardemos [os selos que recebemos na sede da Igreja], e que sejam enviados a José, quando terminar sua missão. Ele terá, sem nenhuma despesa, a melhor coleção de selos que qualquer rapaz já teve no México".



ILUSTRADO POR PAUL MANN

de violência, roubo, abuso de drogas e pornografia são exibidos na televisão e aparecem constantemente na maioria dos jornais. Esses exemplos obscurecem-nos a visão e confundem a mente. As suposições logo se tornam opiniões aceitas por todos, e em toda parte a juventude é rotulada como "tendo menos qualidades que a anterior" ou "a pior geração que já existiu".

Quão errados são esses pontos de vista! Quanto erro há nessas declarações!

É verdade que estamos numa época diferente, com novos desafios, problemas e tentações, mas centenas de milhares de jovens santos dos últimos dias estão-se esforçando constantemente e servindo com diligência e fidelidade, de modo tão nobre quanto os de outras gerações. Por haver um contraste tão acentuado entre o bem e o mal, as exceções à tendência generalizada sobressaem-se bem mais, sendo notadas e apreciadas pelas pessoas decentes de todo o mundo.

Gostaria de ler para vocês uma carta enviada por um senhor de Minnesota. Estava endereçada à Universidade Brigham Young.

"Prezados senhores: Fiz uma viagem de ônibus, saindo no dia 22 de dezembro da região meridional de Minnesota em direção à Flórida, passando por Des Moines, Chicago e outras cidades ao sul. Havia um grande grupo de rapazes e moças viajando no mesmo ônibus, fazendo quase o mesmo trajeto que eu, a partir de Des Moines. Aqueles excelentes jovens eram estudantes da [Universidade] Brigham Young que estavam indo para casa, em férias. Eram todos muito educados, comportados e comunicativos. Foi um prazer viajar em sua companhia e conhecê-los. Eles renovaram-me a esperança no futuro.

Dei-me conta de que a universidade não poderia fazer isso por eles. Rapazes e moças assim são fruto de um bom lar. Os pais é que são dignos de crédito. Como não posso chegar até os pais, decidi agradecer à escola."

Esse tipo de comentário não é algo esporádico, mas

muito comum, o que nos deixa muito contentes. Nossos alunos santos dos últimos dias são um exemplo da fé acompanhada de ações.

Outro grupo que deixa o mundo admirado e inspira fé é o exército de missionários SUD que servem atualmente em todo o mundo. Durante toda a vida, esses rapazes e moças prepararam-se para o dia especial de seu chamado missionário, aguardando-o ansiosamente. Os pais tiveram motivo para ficarem orgulhosos, e as mães, um tanto preocupadas. Lembro-me muito bem do formulário de recomendação de um missionário, no qual o bispo escreveu: “Este é o jovem mais notável que já recomendei. Demonstrou excelência em todos os aspectos de sua vida. Foi presidente de seu quórum do Sacerdócio Aarônico e um líder na escola. Destacou-se nos esportes. Jamais recomendei um candidato com tantas qualidades. Tenho orgulho de ser seu pai”.

Geralmente o bispo e o presidente da estaca costumam escrever: “João é um bom rapaz. Está preparado física, mental, financeira e espiritualmente para a missão. Servirá com satisfação e dignidade onde quer que seja mandado”.

Certa vez, eu estava com o Presidente Spencer W. Kimball enquanto ele assinava pessoalmente esses chamados especiais para o serviço missionário de tempo integral. De repente, ele encontrou a recomendação do próprio neto. Assinou seu nome como Presidente da Igreja e então, no rodapé da página, escreveu uma notinha pessoal: “Estou orgulhoso de você. Com amor, vovô”.

Ao chegar o chamado, fecham-se os livros escolares e abrem-se as escrituras. Deixam-se para trás a família, os amigos e quase sempre uma amiga especial. Namorar, dançar e passear são substituídos por bater em portas, ensinar e testificar.

Examinemos especificamente o perfil de alguns missionários de fé, para que possamos responder melhor à pergunta “Deve Sião Fugir à Luta?”

Em primeiro lugar, mencionarei José Garcia, do México. Nascido na pobreza mas criado na fé, José

preparou-se para o chamado missionário. Eu estava presente no dia em que sua recomendação foi recebida. Nela havia a seguinte observação: “O irmão Garcia servirá à custa de grande sacrifício da família, pois é responsável por grande parte de seu sustento. A única coisa que possui é uma coleção de selos de que gosta muito, mas está disposto a vendê-la, se necessário, para ajudar a pagar sua missão”.

O Presidente Kimball ouviu atentamente a declaração que lhe foi lida e então respondeu: “Peçam-lhe que venda sua coleção de selos. Esse sacrifício será uma bênção para ele”. Em seguida, o carinhoso profeta acrescentou: “Todos os meses, na sede da Igreja, recebemos milhares de cartas de todas as partes do mundo. Providenciem para que guardemos esses selos, e que sejam enviados a José, quando terminar sua missão. Ele terá, sem nenhuma despesa, a melhor coleção de selos que qualquer rapaz já teve no México”.

Parece semelhante a algo visto pelo Mestre, em outro lugar e outra época:

“E, olhando ele, viu os ricos lançarem as suas ofertas na arca do tesouro;

E viu também uma pobre viúva lançar ali duas pequenas moedas;

E disse: Em verdade vos digo que lançou mais do que todos, esta pobre viúva.” (Lucas 21:1-3)

“Porque todos ali deitaram do que lhes sobejava, mas esta, da sua pobreza, deitou tudo o que tinha, todo o seu sustento.” (Marcos 12:44)

Como segundo perfil, sairemos do México e nos concentraremos num missionário no Centro de Treinamento Missionário, em Provo, Utah, que se esforçava desesperadamente para conseguir aprender alemão, a fim de ser um missionário eficaz para o povo do sul da Alemanha. Todos os dias, ao abrir seu livro de gramática alemã, ele observava com muito interesse e curiosidade que a capa do livro mostrava a fotografia de uma casa antiga e pitoresca, em Rothenburg, Alemanha. Abaixo da fotografia, havia o nome do local. Em seu

coração, aquele jovem decidiu: "Visitarei essa casa e ensinarei a verdade a quem quer que esteja morando nela". E assim o fez. O resultado foi a conversão e o batismo da irmã Helma Hahn. Ela devotava a maior parte de seu tempo conversando com turistas de todo o mundo que visitavam sua casa. Tinha grande satisfação em contar-lhes as bênçãos que o evangelho de Jesus Cristo lhe trouxera. Sua casa talvez seja uma das mais fotografadas de todo o mundo. Nenhum visitante saía dali sem ouvir seu testemunho de louvor e gratidão, expresso em palavras simples mas sinceras. Aquele missionário que levou o evangelho à irmã Hahn lembrou-se do sagrado mandamento: "Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo". (Mateus 28:19)

O terceiro perfil também descreve um missionário de fé inabalável, o Elder Mark Skidmore. Ao receber seu chamado para a Noruega, não conhecia uma única palavra em norueguês, mas sabia que para ensinar e prestar testemunho era preciso ter fluência na língua do povo da Noruega. Prometeu a si mesmo: "Não falarei inglês até que tenha conseguido levar para as águas do batismo a minha primeira família norueguesa". Esforçou-se, orou, implorou e trabalhou. Depois da prova de sua fé, alcançou a bênção tão desejada. Ensinou e batizou uma excelente família. Então, pela primeira vez em seis meses, falou inglês. Encontrei-me com ele naquela semana. Sua expressão era de gratidão e alegria. Pensei nas palavras de Morôni: "Não busco poder (. . .) não busco as honras do mundo, mas a glória de meu Deus (. . .)". (Alma 60:36)

Como último perfil, mencionarei a mãe de um nobre filho missionário. A família morava em Star Valley, Wyoming, onde o clima é inclemente. O verão é curto e quente, e o inverno, longo e gelado. Quando o bom filho de dezenove anos disse adeus à família e ao lar, ele sabia quem teria de arcar com o fardo do trabalho. O pai estava doente e incapacitado. Coube à mãe a

responsabilidade diária de ordenhar pessoalmente as poucas vacas da família, que garantiam o sustento da casa.

Na época em que fui presidente de missão, participei de um seminário para todos os presidentes, realizado em Salt Lake City. Minha mulher e eu tivemos o privilégio de conhecer os pais dos missionários que serviram conosco. Alguns deles eram ricos, bem vestidos e falavam bem. Sua fé era forte. Outros eram menos abastados, mais modestos e um tanto tímidos. Eles também tinham orgulho de seu missionário especial e oravam e sacrificavam-se por seu bem-estar.

De todos os que conheci naquela noite, lembro-me melhor daquela mãe de Star Valley. Ao apertar minha mão, pude sentir os grandes calos que revelavam seu trabalho de cada dia. Quase pedindo desculpas, tentou justificar-se pelas mãos ásperas e o rosto castigado pelo vento. Sussurrou-me: "Diga a nosso filho Spencer que o amamos, que estamos orgulhosos dele e que oramos por ele todos os dias".

Até aquela noite eu jamais havia visto um anjo nem ouvira a voz de um anjo. Já não posso mais fazer essa declaração, pois aquela mãe angelical tinha consigo o Espírito de Cristo. Ela — que com aquelas mesmas mãos se agarrara à mão de Deus para atravessar corajosamente o vale da sombra da morte a fim de trazer seu filho à vida mortal — deixou em mim uma impressão indelével.

Criados e orientados por mães tão nobres, os missionários condizem com a descrição do exército de Helamã:

"E eram todos jovens e muito valorosos quanto à coragem e também vigor e atividade; mas eis que isto não era tudo — eles eram homens fiéis em todas as ocasiões e em todas as coisas que lhes eram confiadas.

Sim, eles eram homens íntegros e sóbrios, pois haviam aprendido a guardar os mandamentos de Deus e a andar retamente perante ele." (Alma 53:20-21)

O perfil desses jovens promove a fé. Instila confiança.

Ensina a verdade. Testifica suas boas qualidades. Ajuda a responder à pergunta:

*Deve Sião fugir à luta?
Deve agora desistir?
Se espreita o inimigo
Que espera nos ferir? Não!
Sempre fiéis nossa fé guardaremos,
Sempre valentes, com ardor lutaremos.
A nossa mão e o coração,
A teu serviço, Senhor, estão. □*

NOTAS

1. J. Spencer Cornwall, *Stories of Our Mormon Hymns* (A História de Nossos Hinos Mórmons) (1963), p. 173.
2. "Deve Sião Fugir à Luta?", *Hinos*, no. 183.

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Apesar de vivermos numa época de novos problemas e tentações, centenas de milhares de jovens santos dos últimos dias estão-se esforçando para serem fiéis à fé.

2. Como a maneira de agir dos jovens santos dos últimos dias constitui geralmente uma exceção à tendência generalizada, seus atos sobressaem-se e são notados e apreciados pelas pessoas decentes de todo o mundo.

3. Outro grupo que causa admiração e inspira as pessoas é o exército de missionários SUD que estão servindo no mundo inteiro.

4. A força da juventude que vive em retidão decorre da descrição dada por Mórmon: "E eram todos (. . .) muito valorosos quanto à coragem e (. . .) eram homens fiéis em todas as ocasiões e em todas as coisas que lhes eram confiadas. (. . .) Pois haviam aprendido a guardar os mandamentos de Deus e a andar retamente perante ele". (Alma 53:20-21)

Todos os dias, ao abrir seu livro de gramática alemã, o jovem missionário observava com muito interesse e curiosidade que a capa do livro mostrava a fotografia de uma casa antiga e pitoresca, em Rothenburg, Alemanha. Ele decidiu: "Visitarei essa casa e ensinarei a verdade a quem quer que esteja morando nela".



MISSÃO EM CASA

Sree Devi Kommu

Quando eu tinha 15 anos, minha irmã mais velha, Swarupa, conheceu um casal de missionários da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em Rajahmundry, na Índia, e logo começou a receber as palestras. Embora o nome da Igreja parecesse estranho para mim e eu não entendesse nem falasse bem inglês, ouvi algumas palestras. Gostei dos ensinamentos e nós duas acabamos sendo batizadas. Mais tarde, minha outra irmã e meu irmão também foram batizados.

Cinco anos depois, conheci alguns missionários de tempo integral em Delhi e imediatamente senti o desejo de servir como missionária. Em agosto de 1993, recebi o chamado para a Missão Índia Bangalore. Ao ir para o campo missionário, contudo, fiquei muito preocupada, pois estava agindo contrariamente aos desejos de meu pai.

Na metade de minha missão, falei com meu presidente de missão, Gurcharan Singh Gill, a respeito de meus pais. Naquela época, havia missionários servindo em minha cidade natal, mas, como meus pais só falavam o dialeto nativo, não podiam ser ensinados por missionários que falavam inglês. Meu maior desejo era ver meus pais unidos a mim, minhas irmãs e meu irmão no evangelho.

Pouco depois de minha conversa com o Presidente Gill, ele deu-me a designação de ir a Rajahmundry a fim de ajudar na tradução e ter a oportunidade de ensinar meus pais. Eu passara muitos anos implorando ao Pai

Celestial que abrandasse o coração de meus pais, possibilitando-lhes reconhecer a verdade. Quando cheguei, após vinte horas num trem, vi que minhas orações haviam sido respondidas. Meu pai mudara de idéia e agora apoiava minha missão.

Uma semana mais tarde, dei-lhes a primeira palestra. Foi maravilhoso ver meu pai, que se convertera ao cristianismo ao se casar com minha mãe, expressar seu amor e gratidão ao Pai Celestial e Jesus Cristo. Meus pais aceitaram o Livro de Mórmon e concordaram em ouvir as outras palestras. Senti uma enorme alegria.

Porém, meu pai começou a construir uma casa e raramente tinha tempo para ouvir mais sobre a Igreja. Conhecendo o poder do jejum e da oração, decidi colocar em prática esses princípios com o propósito de que meu pai conseguisse tempo para ouvir as outras palestras. Pouco depois, pudemos continuar as palestras.

Meus pais aceitaram o desafio do batismo. Logo após a entrevista com o líder de zona, perguntei-lhe: “Como foi?”

“Estão prontos”, disse ele.

Fiquei muito feliz. Durante a reunião batismal, senti o Espírito tão forte que chorei de alegria. Kommu Appo Rao e Kommu Mani foram batizados em junho de 1994, num dia bastante quente em Rajahmundry. Finalmente, minha família estava unida na Igreja verdadeira.

Sou grata ao Pai Celestial e a meu presidente de missão por me enviarem como missionária a meus próprios pais. □

171
महय





PARTILHAR O FARDÃO

Janet Thomas

Na Noruega, bem perto da cidade de Drammen, existe uma montanha chamada Spiralen. Vista de fora, parece uma montanha comum, mas por dentro é oca. Nela oculta-se uma antiga escavação na forma de um túnel em espiral. Hoje o túnel está transformado





Os problemas que estes sacerdotes e Lauréis da Noruega enfrentam diariamente são como as pedras que eles carregaram montanha acima, como parte de uma conferência de jovens que durou dois dias. Eles aprenderam que a vida é melhor quando o fardo é partilhado.

numa rodovia que leva ao topo da montanha, de onde se tem uma vista panorâmica da cidade e do oceano.

Recentemente, 43 jovens da Estaca Oslo Noruega escalaram o Spiralen como parte de uma conferência de sacerdotes e Lauréis. Essa não foi uma das conferências de jovens que a estaca realiza anualmente; foi uma conferência especial,

que aliás já se tornou tradição na Estaca Oslo Noruega, reunindo todos os sacerdotes e Lauréis para dois dias de diversão e estudos.

Na primeira noite da conferência, os líderes locais da Igreja realizaram um painel de debates com os jovens e responderam a perguntas relativas ao evangelho formuladas pelos sacerdotes e Lauréis. "Todas as perguntas

foram interessantes”, disse Jaran Rosaker, da Ala III de Oslo. Seu amigo, Christian Tarjei Gylseth, concordou: “Eles deram boas respostas, também”. Depois dessa atividade, os jovens participaram de um jantar e um baile.

Na manhã seguinte, subiram o Spiralen. Logo ficou claro que a caminhada seria algo mais que uma simples atividade divertida. Já era de se esperar. A caminhada seria um objeto didático.

Primeiro, os sacerdotes e Lauréis dividiram-se em grupos de famílias, usando sobrenomes da história da Igreja, como Smith, Young e Kimball. Os grupos famílias começaram a subir o caminho que levava ao topo. Na primeira parada para descanso, eles beberam água. Tudo parecia normal. Na segunda parada, beberam suco. Gradualmente, o significado da caminhada esclareceu-se — andar em grupos familiares, as recompensas tornando-se cada vez melhores.

John Gunderson, do Ramo Fredrickstad, disse que decifrou o simbolismo da atividade logo na primeira parada. “Comecei a entender o propósito, quando nos disseram que segurássemos na barra de ferro.” A primeira parada podia ser a glória teleste. A segunda, a terrestre. Quando as famílias saíram da mata e entraram no estacionamento próximo ao topo, todos esperavam que aquele fosse o fim da jornada e que já receberiam sua recompensa celestial.

Mas ainda não era o fim.

Cada família recebeu um carrinho de mão com cinco pedras grandes. Eles deveriam continuar caminho acima. Todos começaram a rir e a fazer gozações, achando que o último pedaço não seria de maneira alguma difícil. Um rapaz forte poderia facilmente levar o carrinho de mão carregado até o final, pensaram eles, até que viram o último trecho que havia antes do cume. Era tão íngreme e escorregadio que mesmo sozinhos já teriam dificuldade de subir. O carrinho de mão e as pedras, então, tornariam a subida realmente difícil.

Cada família planejou seu próprio método de chegar ao topo. ElRay Gene Hendricksen, do Ramo Hokksund, disse: “Decidimos dividir as cargas. Cada um pegou uma pedra, e dois levaram o carrinho vazio. Conseguimos. Fomos o único grupo familiar que usou esse método”.

Ninguém reclamou. Todos se reuniram e decidiram de que modo levariam as cargas até o topo. Então, chegou a hora da recompensa. Suados e exaustos, eles descansaram e contemplaram a bela paisagem lá embaixo. Estavam contentes por todos terem chegado ao cume, onde aliviaram seus fardos representados pelas pedras. Eles empilharam-nas, improvisando um monumento. Depois, o almoço foi servido — alimento para o corpo — e eles ouviram um orador discursar sobre coisas celestiais — alimento para a alma.

O Bispo Aabo, da Ala Drammen,

explicou que em alguns momentos a subida foi mais difícil para uns do que para outros. Em certos momentos, alguns carregavam as cargas, enquanto outros apenas caminhavam sem precisar ajudar. Mesmo com dificuldades desiguais, no final todos precisaram trabalhar juntos para conseguirem alcançar o topo. O Bispo Aabo ressaltou que Jesus Cristo prometeu nos ajudar, tornando nossos fardos leves. Ao adquirir nosso próprio testemunho temos força para atingirmos o pináculo.

A caminhada foi o desfecho ideal para a conferência. Em termos sociais, foi muito divertida. Cathrine Opdahl, da Ala II de Oslo, disse: “O mais formidável foi conhecer pessoas de minha idade, de diferentes partes da Noruega. Foi uma forma nova de conhecer pessoas”.

“Sim”, disse Kathinka Svendsen, também da Ala II de Oslo, “temos problemas em comum, especialmente na escola, onde os colegas não aceitam o fato de você ser santo dos últimos dias e ter altos padrões morais.”

“Aqui”, disse Kjetil Pedersen, da Ala Drammen, “há pessoas que têm atitudes e pontos de vista iguais sobre religião. É bom nos divertirmos juntos.”

Algumas das coisas mais profundas ditas pelos jovens surgiram em momentos de reflexão, quando foram solicitados a expressar seu testemunho e a relatar respostas a orações. Depois, falaram sobre a calma e tranquilidade



Estes sacerdotes e Lauréis sabem que o monumento que ergueram no topo da montanha é mais do que simples pedras — simboliza tudo o que podem realizar ao trabalharem juntos.

que só pode advir do Senhor. Jaran disse: “Li Morôni 10:4, onde aprendemos que, se perguntarmos a Deus se o que está escrito no Livro de Mórmon é verdadeiro, Ele nos responderá. Eu fiz a tentativa e senti que era verdadeiro. É um sentimento gostoso e bom dentro da gente”.

Hanne Akselsen, da Ala II de

Oslo, também sentiu algo profundo quando leu o Livro de Mórmon. “Eu tinha ouvido a primeira palestra dos missionários, mas não tinha sentido nada especial, até que eles me disseram que eu deveria estudar e orar. Eu tentei. Orei e estudei, e o que aconteceu foi incrível. Senti como se o Livro de Mórmon fosse escrito para mim. Só tive que reconhecê-lo. Tudo me parecia muito familiar e correto.

A participação na conferência de sacerdotes e Lauréis “ajuda a construir Sião aqui na Noruega”, disse Ida Podhorny, da Ala Moss. “Aprendemos a viver no mundo sem ser do mundo. Sou grata por meus bons amigos.”

Desirée Bjerkoe, presidente das Moças da estaca, disse: “Nosso propósito é fortalecer os jovens e fazer com que eles se fortaleçam uns aos

outros. De fato, isso é o que eles fazem. Ficam acordados até tarde e conversam. Esse momento é muito importante. Se eles não têm amigos na Igreja, voltam-se para os amigos de fora da Igreja”.

Logo chegou a hora de retornar do topo da montanha para a vida cotidiana. Ao trilharem o caminho de volta, porém, eles sabiam que, naquele lugar alto, tinham erigido um monumento mais significativo do que simples pedras. ElRay Hendricksen explicou: “É um monumento-símbolo de que todos nós fizemos as mesmas coisas e conseguimos chegar ao topo ajudando-nos uns aos outros. Ainda não terminamos. Teremos que nos desenvolver, continuar juntos e permanecer fiéis”.

No topo de uma montanha da Noruega, um grupo de adolescentes encontrou algumas respostas. □

ELE ME DIRÁ

Terry Lynn Bittner

ILUSTRADO POR SCOTT GREER



No dia em que as Lauréis foram fazer um acampamento ao longo do Rio Colorado, fiz-lhes um importante anúncio. Eu decidi-ra receber os missionários.

Logo que minhas novas amigas começaram a festejar, interrompi-as, avisando que não deveriam esperar muito. “Não vou ser batizada nem fazer coisa semelhante”, disse-lhes, “só preciso de um modo mais organizado de aprender sobre as crenças de vocês”. Elas sorriram umas para as outras, como se soubessem de algo que eu não sabia.

Durante o fim de semana do acampamento, descobri que o simples fato de estar num ambiente SUD já era instrutivo. A primeira coisa que percebi foi que os mórmons oravam mais freqüentemente que os membros das outras igrejas que eu conhecia — e, em minha busca por religião, eu conhecera membros de várias religiões. As orações de minhas amigas eram diferentes também. Elas não tinham livros de orações, como o de minha avó. Elas simplesmente falavam com Deus. E viviam o que aprendiam na igreja. Não se tratava de uma religião de domingo, e sim de todos os dias o dia inteiro, e eu gostava disso.

À noite, estendemos nossos sacos de dormir e ficamos admirando as estrelas brilhantes do céu. Algumas meninas começaram a fazer-me perguntas: Como eu havia conhecido a Igreja? Onde eu tinha ido à Igreja? Como eu me sentia a respeito do que estava aprendendo?

Não soube responder a essa última. Como poderia descrever minha confusão, sem magoá-las? Nenhuma outra igreja me afetara daquele jeito. Eu passara horas ponderando doutrinas SUD, tentando adivinhar quais eram verdadeiras. Eu sempre detestara adivinhações. Queria saber a verdade,

mas não havia qualquer método de pesquisa que provasse se a Igreja era verdadeira ou não.

Suspirei. “É difícil”, admiti. “Tudo o que vocês ensinam é tão diferente. Vai levar um tempo para eu saber o que é verdadeiro.”

“Eu sei o que é verdadeiro”, disse uma menina, em voz baixa. E depois, segura de si, prestou testemunho, sem se embarçar.

Tive mais uma vez a sensação que tivera aos dez anos de idade, quando ouvi a história da Primeira Visão, numa visita ao Templo de Los Angeles. Foi a mesma sensação que tive ao assistir a uma aula especialmente inspiradora. Eu não sabia o que esse sentimento queria dizer, mas supunha que se tratava de algo importante. De repente, mais do que qualquer coisa, eu queria saber, saber realmente, e não apenas tentar adivinhar.

“Disse que sabe essas coisas. Como pode saber?”, perguntei.

“Eu orei a respeito delas. Você aprendeu a respeito de Joseph Smith, não? A respeito de sua busca pela verdade e de sua oração no bosque?”

Concordei com a cabeça. “Sim, e tentei orar, mas Deus não vai descer e dizer-me as respostas.”

“Bem, provavelmente não, mas Ele não precisa descer em pessoa a fim de falar conosco. Ele fala conosco o tempo todo. Tudo que temos a fazer é aprender a ouvir.”

Endireitei o corpo, interessada. “Já orei antes, e outras igrejas disseram-me que Deus responde às orações, mas ninguém jamais me disse como. Quer dizer que posso perguntar-Lhe se a igreja de vocês é verdadeira e Ele vai dizer-me?”

“Claro. Foi o que eu fiz.”

Fiquei espantada. “Se é assim tão fácil, por que todas as pessoas não se filiam a sua igreja.”

Minhas amigas riram. Depois, começaram a me ensinar o que fazer para conseguir um testemunho. Alguns meses mais tarde, recebi minhas respostas. E logo após fazer 17 anos, fui batizada. Elas estavam certas, o Pai Celestial falou mesmo comigo. Tudo que tive de fazer foi ouvir. □



A percepção distorcida, o obstáculo ao progresso e a falta de misericórdia são apenas alguns dos perigos espirituais de procurar defeitos nas outras pessoas.

Os Perigos Espirituais de Procurar Defeitos nas Pessoas

Mark D. Chamberlain

Carla e Marcelo* mudaram-se para uma casa nova há dois anos. Desde essa época, seu relacionamento com os vizinhos foi-se tornando cada vez mais estreito. Perceberam, porém, que conhecendo melhor seus novos amigos, também se deram conta das imperfeições deles. Falhas evidentes na maneira como os amigos cuidavam da casa e como educavam os filhos tornaram-se cada vez mais óbvias. Começaram a incluir os defeitos dos vizinhos em suas conversas e muitas vezes, à noite, ao deitarem-se, comentavam as pequenas coisas que os haviam incomodado durante o dia.

Em outro lugar, duas famílias de uma pequena ala do interior começaram a brigar há alguns anos. Apesar de ninguém mais lembrar exatamente da razão, aparentemente o problema começou com algo que um pai disse para outro. Foi um comentário inocente, mas mal compreendido, e em poucos dias diversas versões da história haviam-se espalhado. Criaram-se mágoas, as pessoas tomaram partido, e por muitos anos esses sentimentos ruins afastaram o Espírito das atividades e reuniões. Os líderes locais tentaram aconselhar e incentivar. Frequentemente, essas iniciativas também foram

*Os nomes foram alterados.

mal-interpretadas. Atualmente os membros de toda uma família, incluindo os filhos e netos, recusam-se a freqüentar a igreja em grande parte porque um simples comentário transformou-se em uma fornalha de críticas e acusações mútuas.

Os profetas modernos e as escrituras alertam que procurar defeitos nas pessoas e julgá-las — seja num relacionamento a dois, numa vizinhança amiga ou numa ala — pode ser arriscado para nosso bem-estar espiritual.

Percepção Distorcida

A procura de defeitos nos outros distorce nossa percepção de várias maneiras. Em primeiro lugar, temos a impressão errada de que somos superiores às outras pessoas. Quando nos preocupamos com as fraquezas dos outros, deixamos de dar atenção a nossas próprias faltas. Desenvolvemos uma espécie de hipermetropia espiritual, focalizando nossa visão nas falhas alheias. Nossos olhos espirituais começam a pregar-nos peças, impedindo-nos de ver coisas que estão muito mais próximas: nossos próprios defeitos.

Em Mateus 7:3, o Salvador descreve essa curiosa situação: “E por que reparas tu no argueiro que está no

olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho?”

Mesmo que nos consideremos melhores que as pessoas a quem criticamos, na verdade, elas são tão preciosas quanto nós aos olhos do Senhor, como explicou o profeta Jacó:

“E agora, meus irmãos, falei-vos sobre o orgulho; e aqueles de vós que afligistes o próximo e o perseguistes devido ao orgulho de vosso coração, por causa das coisas que Deus vos deu, que dizeis disto?”

Não supondes que tais coisas são abomináveis àquele que criou toda a carne? E para ele uma criatura é tão preciosa como a outra (. . .).” (Jacó 2:20–21)

Se nos achamos melhores que as outras pessoas, provavelmente esquecemos que todos “[pecamos] e destituídos [estamos] da glória de Deus”. (Romanos 3:23)

Quando procuramos defeitos nos outros, arriscamos-nos a confundir a aparência com a essência. Sendo incapazes de discernir os pensamentos e intenções das pessoas que nos cercam, baseando nosso julgamento apenas no que vemos e supomos erroneamente. O Presidente Spencer W. Kimball declarou que “julgamos erroneamente sempre que procuramos interpretar ou compreender os motivos que [levam as pessoas] a agir desta ou daquela maneira, através de nossos próprios valores, conceitos ou modo de ver as coisas”. [O Milagre do Perdão (1974), p. 257.]

Talvez nos consideremos melhores do que as pessoas cujos pecados são óbvios simplesmente porque muitas de nossas faltas sejam de natureza íntima e oculta. Esse parece ter sido o caso dos escribas e fariseus que quiseram apedrejar a mulher apanhada em adultério. Quando Jesus lhes disse: “Aquele que de entre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela” (João 8:7), os acusadores saíram dali sem nada dizer.

Apesar de ser fácil condenar a hipocrisia dos escribas e fariseus, talvez não sejamos muito diferentes hoje em dia. Considerem o número crescente de jornais e programas de televisão que se uniram na caça aos “segredos sórdidos” de celebridades, políticos e pessoas comuns. Talvez a popularidade dessas publicações e programas seja resultado de nosso desejo de descobrir pessoas corruptas que nos façam parecer santos resplandcentes. Nossas próprias imperfeições ficam obscurecidas quando nos são exibidos os pecados das outras pessoas. Depois de condenarmos os vilões escolhidos a dedo, não sentimos necessidade de esforçar-nos para melhorar nossas imperfeições, porque

elas passam então a parecer insignificantes.

Quando ridicularizamos outras pessoas, certos de que nossos pecados estão ocultos delas, tornamo-nos tão hipócritas quanto os escribas e fariseus, a quem Jesus comparou a “sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundícia”. (Mateus 23:27)

E mais, quando criticamos e procuramos defeitos nas pessoas, nossa percepção fica distorcida pois geralmente vemos nelas os nossos próprios defeitos. O Apóstolo Paulo alertou-nos contra essa tendência: “Portanto, és inescusável quando julgas, ó homem, quem quer que sejas, porque te condenas a ti mesmo naquilo em que julgas a outro; pois tu, que julgas, fazes o mesmo”. (Romanos 2:1; grifo do autor.)

Se projetamos nossas falhas nas outras pessoas, então é provável que nossa atitude para com elas seja um termômetro de nossas próprias fraquezas. O conselho deste hino é bastante instrutivo:

Quando você tiver vontade de censurar

Ou apontar defeitos que os outros têm,

Procure em seu coração, antes de criticar,

Se faltas semelhantes não existem também.

(Tradução livre do hino no 235 do Hinário em inglês)

Obstáculo ao Progresso

Outro perigo de procurar defeitos nos outros é que isso impede nosso progresso pessoal e espiritual. A vida na Terra é o tempo de preparar-nos para encontrar Deus. (Ver Alma 34:32.) Procurar falhas nas outras pessoas desvia nossa atenção dessa tarefa. O perigo de julgarmos injustamente as pessoas não está apenas no que deixamos de ver — nossos próprios defeitos — mas no que deixamos de fazer — procurar corrigir nossas faltas.

Talvez seja por isso que o Senhor abomina a hipocrisia. A presunção e o farisaísmo são enganadores, pois quando sentimos que nossos problemas não são tão ruins quanto os de outras pessoas, temos a tendência de esquecer que o modo como nos comparamos com as outras pessoas não é critério para alcançar a vida eterna.

A lebre da fábula de Esopo é um exemplo clássico desse orgulho e presunção. Uma lebre e uma tartaruga resolveram apostar corrida. A lebre partiu em disparada, deixando a lerda tartaruga para trás. A lebre ficou cansada e, segura da vitória, decidiu parar e descansar um



Jesus disse-lhes: “Aquele que de entre vós
está sem pecado seja o primeiro que
atire pedra contra ela”. (João 8:7)

pouco. Caiu no sono, enquanto a persistente tartaruga passou silenciosamente por ela e continuou em frente, até ganhar a corrida.

O problema da lebre não foi sua falta de capacidade para terminar a corrida. Muito pelo contrário. Seu problema foi achar que a corrida já estava vencida. Se da mesma forma que a lebre insensata, acharmos que já vencemos a corrida, não veremos necessidade de continuar nos esforçando.

Todavia, ainda não cruzamos a linha de chegada. Se pararmos agora e cairmos no sono, não importa o quanto estejamos avançados no caminho do progresso espiritual,

não alcançaremos a linha de chegada. Assim que começamos a prestar atenção em quão mais evoluídos estamos espiritualmente do que as outras pessoas, desviamos a atenção do empenho necessário para nosso próprio progresso e estamos sujeitos a esquecer todo o propósito da corrida.

O orgulho e a presunção da lebre são semelhantes aos do fariseu que via defeitos no publicano.

“O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano.

Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo.” (Lucas 18:11–12)

Sem se dar conta disso, o fariseu havia deixado passar a trave que estava em seu próprio olho — tinha adormecido, em termos espirituais. Nos versículos seguintes, ficamos sabendo que o publicano, aparentemente tendo reconhecido seus pecados e os confessado a Deus, estava em melhor situação espiritual do que o orgulhoso fariseu.

“O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!”

Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado.” (Versículos 13–14)

Se, da mesma forma que o fariseu e a lebre, acharmos que já vencemos a corrida, passaremos a salientar nossa superioridade em relação às outras pessoas em vez de procurar vencer nossas próprias fraquezas. Se estamos tranquilos, achando que tudo vai bem porque somos melhores que os outros, seria bom lembrar-nos da advertência de Néfi, que explicou ser essa a maneira pela qual Satanás “engana [nossas] almas e [nos] conduz cuidadosamente ao inferno”. (2 Néfi 28:21)

Deixar de Receber Misericórdia

Por fim, se formos severos em nosso julgamento das outras pessoas, não poderemos receber compaixão e misericórdia.

Depois de servir por quatro meses como missionário de tempo integral, meu entusiasmo e ânimo pelo trabalho diminuíram consideravelmente. Estava tendo dificuldade em compreender meu companheiro e ter compaixão por ele, além de sentir-me desanimado por não estarmos tendo sucesso. Perdera toda a confiança que sentia tão intensamente alguns meses antes.

Em minha entrevista pessoal com o presidente da missão, disse-lhe que me sentia incapaz e desanimado. “Como posso desenvolver auto confiança em meu trabalho como missionário?” perguntei.

Sua resposta deixou-me completamente surpreso. Ele não tentou melhorar minha auto confiança elogiando o bom trabalho que eu estava fazendo. Não me ensinou a respeito do poder do pensamento positivo. Em vez disso, perguntou como me sentia em relação às outras pessoas, especialmente aquelas com quem trabalhava.

“Não tenho muita paciência”, admiti. “Estava tão

animado quando comecei a missão, mas é frustrante ver que as coisas não acontecem do modo que se espera.”

Antes de partir para a missão, eu achava sinceramente que sabia conviver com qualquer pessoa. No entanto, em meio à adversidade, descobri que freqüentemente criticava e condenava os outros.

O presidente leu-me uma escritura conhecida:

“Que as tuas entranhas também sejam cheias de caridade para com todos os homens e para com a família da fé, e que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente; então tua confiança se tornará forte na presença de Deus (. . .)

O Espírito Santo será teu companheiro constante (. . .).” (D&C 121:45–46)

A importância dessa escritura em relação a minha situação tornou-se imediatamente evidente. Como missionário, eu não tinha auto confiança, e a escritura prometia que eu teria confiança que me fortaleceria na presença de Deus. Faltava-me essa auto confiança, e a escritura prometia que o Consolador seria meu companheiro constante.

Qual era a chave para essa confiança, coragem e segurança? Além de pensamentos virtuosos, eu deveria ter “caridade para com todos os homens”.

Em meu julgamento das outras pessoas, incluindo meu companheiro, eu tinha sido crítico e reprovador. Por minha falta de caridade, eu havia eliminado uma fonte potencial de confiança. Aprendi uma inestimável lição naquele dia. Já sabia há muito tempo que poderia magoar as pessoas quando as criticava e apontava defeitos, mas pela primeira vez percebi que minha atitude condenatória estava me prejudicando também. Desde essa entrevista, percebi muitas vezes que quando sou caridoso para com os outros, sinto-me mais confiante e menos limitado por minhas próprias faltas. Em resumo, quanto mais procuro perdoar, mais fácil me é sentir que sou perdoado.

Os atributos cristãos da caridade e compaixão simplesmente não podem ser aplicados de modo seletivo em nossa vida. Não podemos esperar sentir-nos confiantes e seguros em nossa auto-avaliação se apontamos até os menores defeitos nas pessoas a nossa volta.

Talvez parte do motivo pelo qual todos passemos por dificuldades, fraquezas e fracassos na vida seja para dar-nos a oportunidade de ter mais compaixão pelas pessoas. Que tragédia seria se deixássemos de perceber que todos cometemos falhas humanas e passássemos apenas a apontar os defeitos uns dos outros. □

Eles Me Acolheriam Novamente?

Aurélia S. Diezon

ILUSTRAÇÃO DE DILLEEN MARSH

Quando filiei-me à Igreja, frequentava um pequeno ramo nas Filipinas, onde os membros eram muito unidos e trabalhavam juntos.

Aos poucos o ramo cresceu e tornou-se forte. Chegaram cadeiras novas e depois uma nova mesa sacramental. Mais tarde, mudamos para um edifício maior e até recebemos um órgão novo. Três anos mais tarde adquiriu-se um terreno para a construção da futura capela.

Durante esse período de crescimento, a união dos membros do ramo era testada de vez em quando. Depois de ter ouvido alguns boatos que me magoaram bastante, decidi afastar-me da Igreja. Nos seis domingos seguintes não fui à reunião alguma, apesar de desejar fazê-lo. Desejava, em especial, partilhar do sacramento e renovar meus convênios.

Um dia ajoelhei-me para orar e

pedir forças, coragem e compreensão. Ainda de joelhos vi um livro no chão. Apanhei o livro de escrituras empoeirado e comecei a folheá-lo, esperando achar algumas palavras de conforto. Parei em D&C 136:29-30: “Se estiveres atribulado, busca ao Senhor teu Deus, com súplicas, a fim de que tua alma se alegre. Não receies teus inimigos (...).”

Após ler essas palavras, senti-me tranqüila e com coragem. Decidi voltar à igreja.

No domingo seguinte, porém, enquanto me dirigia à capela, senti-me apreensiva. Será que me acolheriam novamente? Fariam comentários? Ou será que iriam todos ignorar-me? Com medo, comecei a andar cada vez mais devagar à medida que me aproximava da porta.

Então senti um tapinha nos ombros e antes que pudesse ver quem era, fui envolvida por um caloroso abraço. Outra pessoa cumprimentou-me. Outros amigos apareceram à porta sorrindo, todos demonstrando alegria pela minha volta.

Quando cantei o hino de abertura, “Embora Cheios de Pesar” (*Hinos*, nº 78), senti enorme paz e a mágoa e o ressentimento se dissiparam. A emoção fez-me chorar e não consegui mais ler o hino. Fechei os olhos e, grata, sussurrei: “Pai, obrigado por guiar-me de volta ao rebanho”. □



SOU MEMBRO DA IGREJA, MAS POR QUE SOU INFELIZ?



FOTOGRAFIA DE MATT REIER

As pessoas dizem que o evangelho me fará feliz. Estou fazendo o que se espera de mim, mas às vezes sinto-me infeliz. Por quê?

Perguntas respondidas à guisa de orientação, não como pronunciamentos doutrinários da Igreja.

NOSSA RESPOSTA

Muitos leitores responderam a essa pergunta dizendo que a felicidade não é resultado automático de ser membro da Igreja. Ela resulta do exercício ativo da fé, isto é, da obediência aos mandamentos, estudo das escrituras, orações regulares e serviço ao próximo.

Em sua resposta, Cynthia Beros Ecao, da Ala University Hills, Estaca Kalcoocan Filipinas, citou a declaração de Joseph Smith: “Deus designou

a nossa felicidade, assim como a de todas as suas criaturas”. (*Ensinaamentos do Profeta Joseph Smith*, compilados por Joseph Fielding Smith, s/d, p. 250)

O Profeta Joseph Smith também disse: “A felicidade é o objetivo e o propósito da nossa existência; e também será o fim, caso sigamos o caminho que nos leva até ela; e esse rumo é a virtude, retidão, fidelidade, santidade e obediência a todos os mandamentos de Deus”. (*Ensinaamentos*, p. 249)

Esse grande plano de felicidade

(ver Alma 42:8) envolve dificuldades e tristezas. Edward N. Reynoso, do Distrito Puerto Plata, Missão República Dominicana Santiago, destacou que “guardar fielmente os mandamentos não significa que nossa vida não terá provações e aflições. Leí disse-nos que as provações são uma parte necessária do grande plano de felicidade de nosso Pai Celestial. Nossa fé e testemunho fortalecem-se quando as vencemos com a ajuda do Senhor”.

O evangelho de Jesus Cristo nem sempre afasta as tristezas de nós, mas ajuda-nos a sobrepujá-las. Olhando para trás, veremos que o evangelho nos ajudou a suportar as provações e que até mesmo ganhamos força ao permanecermos próximos do Senhor durante os momentos difíceis. O evangelho estimula-nos a ter fé, o que significa depositar toda nossa confiança em Jesus Cristo, seja qual for a situação. (Ver Provérbios 3:5.)

Seria uma surpresa descobrirmos que, às vezes, nossos pensamentos determinam se estamos felizes ou não? A gratidão pelas bênçãos recebidas pode ajudar-nos a sobrepujar muitas das tempestades que a vida coloca em nosso caminho. (Ver Alma 26:6–8, 16.) Ponderemos o conselho e a promessa de Alma a seu filho Helamã:

“Aconselha-te com o Senhor em tudo que fizeres e ele dirigir-te-á para o bem; sim, quando te deitares à noite, repousa no Senhor, para que

ele possa velar por ti em teu sono; e quando te levatares pela manhã, tem o teu coração cheio de agradecimento a Deus; e se fizeres essas coisas, serás elevado no último dia.” (Alma 37:37)

Se algo que temos o poder de mudar está-nos tornando infelizes, devemos alterar a situação. Mas não nos enganemos. Se abandonarmos os padrões do evangelho a fim de nos tornarmos mais benquistos entre certos amigos, não seremos felizes. Precisamos entender e direcionar-mo-nos para as coisas que nos farão verdadeira e eternamente felizes. O testemunho do evangelho de Jesus Cristo nos traz compreensão, paz e alegria, que servem de guia não só para as eternidades, mas também para nossa vida diária.

RESPOSTAS DOS LEITORES

Aprender os princípios do evangelho como aprendemos uma poesia, isto é, apenas decorando, significa meramente acreditar em Cristo. Entender os verdadeiros propósitos e a importância do evangelho acarreta mudanças em nossa vida. O evangelho torna-se parte de nossa vida diária, e por meio de sacrifício, caridade e humildade, conhecemos a verdadeira felicidade.

*Stanislao Tariffa,
Ramo Castellammare di Stabia,
Missão Itália Roma*

Embora fosse batizada, eu não me sentia feliz. Só seis anos após meu batismo percebi o motivo: eu não tinha meu próprio testemunho. Quando comecei a ter mais fé no Senhor, aprendi a amá-Lo. Minha bênção patriarcal também ajudou a operar mudanças que me proporcionaram a felicidade que tanto desejava.

Confie no Senhor e obtenha seu próprio testemunho. Guarde os mandamentos. Se fizer isso, verá sua vida mudar para melhor.



*Silvia Vinuesa,
Ala Comité del Pueblo,
Estaca Quito Equador
Colón*

Ao envelhecer, passei a perceber que a felicidade não surge do nada. Ela depende dos pensamentos e dos esforços da pessoa. Precisamos perguntar-nos se estamos estudando as escrituras com diligência e orando para receber a ajuda de que precisamos.



*Song, Seon Ae,
Ala Pusan On Cheon,
Estaca Pusan Coréia*

Como pode uma pessoa que tem os ensinamentos de Jesus Cristo em sua vida não ser uma pessoa feliz? Pense em todas as suas bênçãos: Você

tem amigos, tem líderes que o(a) amam, tem a promessa de uma família eterna, tem o amor do Salvador, que deu a vida para que seus pecados fossem perdoados, sob condição do arrependimento.

Você é membro da Igreja do Senhor, liderada por um profeta, vidente e revelador; tem acesso às escrituras e às publicações da Igreja, que ajudam a trazer o Espírito Santo a sua vida.

*Juliana Lavieri
Ala Freguesia Jacarepaguá,
Estaca Rio de Janeiro Brasil Madureira*

Por experiência própria, sei que a confusão da infância e o processo de crescimento podem afetar a felicidade de uma pessoa. Contudo, tenho notado também que a felicidade não depende das circunstâncias em nosso redor. Ela vem de dentro, ao desenvolvermos fé em Jesus Cristo. Pode levar tempo para compreendermos e aceitarmos isso.

Nesse ínterim, é importante ser bom para os outros e para si mesmo.



*Marita Korpela,
Ala Jyväskylä,
Estaca Tampere
Finlândia*

Aqui no campo missionário aprendi a fazer muitas coisas por iniciativa própria e a não esperar que as pessoas me dissessem o que fazer. Precisamos ser como o Salvador, que

se ofereceu para vir à Terra e pagar por nossos pecados. Embora tenha sofrido muito, Ele era feliz por estar fazendo a vontade de Seu Pai.

Élder Jorge Guevara,

Ala Las Delicias,

Estaca Sonsonate El Salvador

Algum tempo após tornar-me membro da Igreja, comecei a sentir-me insatisfeita. Não mais sentia felicidade no evangelho. Porém o estudo das escrituras e as orações ajudaram-me a sobrepujar esses sentimentos. Agora, adoro compartilhar o evangelho com os outros, pois isso me faz feliz.



*Melinda R. Caballero,
Ramo III de Cingapura,
Estaca Cingapura
Cingapura*

Para sermos felizes, devemos examinar as escrituras diligentemente. (Ver Alma 17:2.) Lembremo-nos de que não é o que recebemos que nos enriquece, mas o que damos.

Charles Rambolarson,

Ramo II de Antananarivo [Madagascar],

Missão África do Sul Durban

À medida que nos desenvolvermos no evangelho, aprenderemos “linha sobre linha, preceito sobre preceito”. (D&C 98:12) No final, chegaremos a entender que o único caminho para a felicidade é conhecer o Pai Celestial e Seu Filho, Jesus Cristo. Podemos ser herdeiros de tudo o que Eles possuem se

guardarmos os mandamentos e ordenanças do evangelho.

Ana María Gordillo de Abadillo,

Ala Santa Marta,

Estaca Cidade da Guatemala

Guatemala Flórida

Viver os princípios do evangelho é como fazer uma dieta balanceada a fim de nos mantermos fisicamente saudáveis. Ao fazermos todas as coisas que o Pai Celestial quer que façamos, permaneceremos espiritualmente saudáveis e felizes.

Juliet A. Molleno,

Ramo Bayan,

Missão Filipinas San Pablo

Fui batizada aos dez anos de idade. Durante muitos anos, não senti a felicidade verdadeira que o evangelho prometia. Com o passar do tempo, entendi que nunca desenvolveria a fé necessária para ser feliz. Eu não havia alcançado a maturidade espiritual de que precisava para perceber como são importantes as coisas do Senhor.

Agora vejo que os melhores momentos de minha vida acontecem quando estou concentrada no verdadeiro evangelho de Jesus Cristo.



Paola Matilde Flores,

Ramo Independencia,

Estaca Salta Argentina

Ser feliz é um processo contínuo, e não uma condição estacionária. Depende de como guardamos os

mandamentos e se estamos direcionados para a meta de alcançarmos a vida eterna.

Kelly Carvalho Lopes,

Ala Pampulha,

Estaca Belo Horizonte Brasil Oeste

Quando aprendi a respeito da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, fiz tudo o que era esperado de mim. Desde essa época aprendi a fazer o que o Senhor deseja que eu faça, porque é o que quero fazer.

Para sermos felizes, precisamos viver os mandamentos e princípios do evangelho não só porque isso é o que você deve fazer, mas porque é o que você quer fazer.

Anneliese Gossenreiter,

Ramo Linz,

Missão Áustria Viena

Ajude a seção PERGUNTAS E RESPOSTAS respondendo à pergunta abaixo. Envie sua resposta de modo a chegar ao destino antes de 1º de julho de 1997. Envie-a para QUESTIONS & ANSWERS, International Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, USA. Coloque seu nome, endereço, idade, ala e estaca (ramo e distrito). Escreva ou datilografe em sua própria língua. Se possível, inclua uma foto sua, que não será devolvida.

PERGUNTA: As escrituras dizem que devemos examiná-las diligentemente, mas o que isso significa? Leio-as todas as noites, mas o que devo examinar? ☐

PODEMOS SABER QUE ELE É

“(. . .) É dado saber pelo Espírito Santo que Jesus Cristo é o Filho de Deus (. . .).” (D&C 46:13)

O primeiro princípio do evangelho é fé no Senhor Jesus Cristo. Essa fé não é mera crença, mas a firme convicção, gerada pelo testemunho do Espírito Santo, de que Jesus é literalmente o Filho de Deus e nosso Salvador. Adquirir esse testemunho é um dos principais dons do Espírito que o Salvador nos estimula a buscar sinceramente.

COMO CONSEGUIMOS UM TESTEMUNHO DE JESUS CRISTO?

Para conseguirmos um testemunho do Salvador temos de pedir e agir. O Presidente Gordon B. Hinckley observa: “O próprio Senhor deu-nos a fórmula, ao dizer: ‘Se alguém quiser fazer a vontade [do Pai], pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo’. (João 7:17)

“Será preciso estudar a palavra de Deus. Será preciso orar e procurar ardorosamente a fonte de toda verdade. Será preciso viver o evangelho (. . .) [e cumprir os] ensinamentos. Não hesito em prometer, porque sei, por experiência própria, que tudo isso advirá pelo poder do Espírito Santo: uma convicção, um testemunho e um conhecimento seguros.” (A Liahona, outubro de 1995, pp. 3–7)

Desenvolver um testemunho não

é um acontecimento isolado, mas um processo. Uma vez que a pessoa receba o testemunho da divindade de Cristo, sua convicção será fortalecida pelo estudo, obediência e serviço constantes.

“O SENHOR É A MINHA LUZ E A MINHA SALVAÇÃO (. . .).” (SALMOS 27:1)

Em 1945, Cynthia Mallory arranjou um emprego temporário num pequeno hotel de veraneio no sul de Utah, a fim de ganhar dinheiro suficiente para cursar o terceiro ano da faculdade. Muitos de seus companheiros de trabalho, também estudantes universitários, eram membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Quando eles convidaram Cynthia para participar de um grupo de estudos semanal sobre religião, ela, que não era membro da Igreja, resolveu aceitar, pois havia

deixado sua vida espiritual de lado a fim de dar importância a outros interesses durante seus anos fora de casa. O grupo era pequeno e liderado por um professor de seminário que, durante o verão, estava trabalhando como motorista de ônibus.

Ela ouviu as apresentações e ficou fascinada, mas não tencionava mudar de religião — até que eles falaram sobre o Espírito Santo. Cynthia caminhou até um gramado aberto perto do hotel, a fim de testar a promessa que lhe fora feita de que, se ela orasse ao Pai em nome de Jesus Cristo para saber a verdade, receberia uma resposta pelo poder do Espírito Santo. Estava escuro, mas as luzes do hotel a alguma distância fizeram-na sentir-se segura, quando ajoelhou-se na escuridão para orar. A resposta foi clara: o que ela ouvira sobre Jesus Cristo era verdade!

Sua vida tomou um rumo diferente naquele momento. Ela sabia o que fazer: seria batizada. Ficou feliz ao perceber que, guiada por uma certa mão invisível, tomara sua primeira decisão independente. Por sentir o amor e a aprovação do Salvador, resolveu guardar os mandamentos.

Hoje, Cynthia continua devotada ao Senhor e a Seu evangelho. Seu testemunho, fortalecido pelo Espírito Santo, é uma crescente fonte de alegria.

- Como podemos aumentar e fortalecer nosso testemunho de Jesus Cristo?
- Como nossa vida diária é afetada por sabermos quem é o Senhor? □

ILUSTRADO POR SHERI LYNN BOYER DOTY



“Ajuda-me a Ajudar Ruth”

Ruth Harris Swaner

ILUSTRADO POR DAVID LINN

Sentia-me adormecida espiritualmente. Ficava pensando se o Senhor ainda se importava comigo ou se realmente me amava. O Pai Celestial parecia estar distante.

Estava deixando-me vencer pelas infindáveis solicitações de meus filhos, pelas responsabilidades da Igreja e pela ausência de meu marido, que trabalhava muito e parecia sempre estar longe quando eu mais precisava dele. Com todas essas exigências, sentia-me insatisfeita e vencida.

Entretanto, quando minhas professoras visitantes chegaram para mais uma visita mensal, fingi estar feliz, como sempre o fazia. Guardei comigo a aflição que sentia. Conversamos sobre nosso dia-a-dia e nem sequer me lembro da mensagem que elas deixaram naquele mês. Suas palavras pareciam entrar por um ouvido e sair pelo outro.

Ao nos despedirmos à soleira da porta, pensei:

“Que desperdício de tempo. Nem percebem como me sinto por dentro. E se percebessem, será que se importariam?”

Queria ir para a cama,



mas mecanicamente voltei aos afazeres do lar, esperando que não houvesse nenhuma outra interrupção de minha rotina diária. Fiquei surpresa quando a campainha tocou, algumas horas mais tarde.

Era Julie, a mais jovem de minhas professoras visitantes. Ela entrou, segurou minhas duas mãos e perguntou-me se havia um local para orarmos.

Sem entender direito o que ela estava me pedindo, respondi: "Julie, por que está aqui de novo?"

Amavelmente, ela disse: "Quando voltei para casa hoje, não consegui tirá-la da cabeça. Durante a visita, percebi a aflição em seus olhos. Depois, em casa, tudo o que eu tentava fazer era interrompido por pensamentos a seu respeito. Finalmente, ajoelhei-me e disse: 'Senhor, ajude-me a ajudar Ruth'. Senti que a resposta a minha oração tinha exatamente a ver com o que eu estava fazendo naquele momento: ajoelhar-se em oração diante do Pai Celestial".

Fiquei em silêncio durante a explicação de Julie. Com lágrimas nos olhos, ela afirmou: "Ruth, senti-me impelida pelo Espírito a voltar aqui hoje. Sei que você está tendo dificuldade para orar e sei que não se sente amada pelo Pai Celestial". Suas palavras atraíram minha atenção. Não pude negar a veracidade de sua descoberta.

"Há um lugar onde possamos orar?", ela repetiu.

"Sim, acho que sim", balbuciei.

Enquanto íamos para outro cômodo, ela disse: "Ruth, eu gostaria de oferecer uma oração e depois quero que você ore".

Interrompi: "Oh não — eu não!" Disse-lhe que o Pai Celestial não me ouviria e que eu não poderia pedir-Lhe mais nada. Julie, porém, ajoelhou-se, e eu ajoelhei-me a seu lado.

Ela disse: "Apenas faça-Lhe uma pergunta simples: 'Eu sou amada?'" Depois, Julie começou a orar. Sua bela oração em meu favor abrandou-me o coração. O espírito manso que me enchia o coração subjugou minha raiva e frustrações.

Percebi que o Pai Celestial *estava* perto, e que estava esperando.

Ao final de sua oração, Julie disse: "Agora é sua vez, Ruth".

A sala estava silenciosa e os próximos momentos pareceram-me horas, até que finalmente as palavras saíram de minha boca: "Pai Celestial, Tu me amas?" As lágrimas correram-me pelo rosto quando fiz essa pergunta. Pouco depois, chegou minha resposta, calma e silenciosa dentro de meu coração dolorido — "Não precisas perguntar o que já sabes". A resposta foi clara e inconfundível.

Aquelas palavras, "já sabes", estavam cheias de ternura e amor, e preencheram espaços vazios dentro de mim. Passei a ponderar todas as verdades que aprendera ao longo da vida. Naquele momento, lembrei-me de todas as maneiras que o Pai Celestial tem demonstrado Seu amor por mim. Ele sempre me amara.

Desde aquele momento em que senti novamente o amor de Deus, cresceu minha gratidão por Seu Filho, Jesus Cristo, e por outros que foram instrumentos de Seu amor. Sou especialmente grata a Julie e tenho tentado, desde aquele dia, ser alguém que, como ela, consegue levar o amor do Salvador às pessoas em seus momentos de necessidade. □

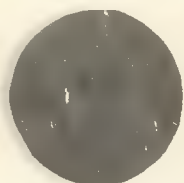


UMA MOEDA E UMA PÉROLA

Jerry Borrowman



A herança de John Borrowman — uma moeda de meio penny — é uma lembrança do sacrifício que muitos membros tiveram que fazer ao aceitar o evangelho.



Na primavera de 1840, no condado de Lanark, Ontário, Canadá, os missionários SUD ensinaram o evangelho de Jesus Cristo a um jovem de 24 anos chamado John Borrowman. John soube que o

evangelho era verdadeiro no momento em que tomou conhecimento dele. Mas ao receber esse testemunho precisou enfrentar o primeiro dos muitos sacrifícios que viria a fazer por causa do evangelho.

John pediu ao pai permissão para filiar-se à Igreja. William Borrowman foi inflexível em sua decisão de impedir que o filho fosse batizado. Depois de mais de dois dias de discussão, William disse que se John decidisse unir-se aos santos dos últimos dias, perderia sua herança: a fazenda da família. Sendo o filho mais velho, John seria por direito o herdeiro da fazenda na qual havia trabalhado ao lado da família por toda a vida. Pior que isso, porém, era saber que perderia também a estima do pai, algo devastador para um jovem de 24 anos que amava sua família.

Mesmo diante dessa difícil decisão, John continuou entusiasmado com sua nova religião. Para ele, o evangelho havia iluminado o mundo como o raiar do sol,

revelando que todos os homens poderiam encontrar a salvação. E assim, apesar de todo o sofrimento causado pela oposição do pai e a perda de uma valiosa herança, John foi batizado no dia 7 de junho de 1840. Da mesma forma que o negociante de Mateus 13:45-46, que vendeu tudo o que possuía para comprar a pérola de grande valor, John desistiu de todas as suas posses para tornar-se membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Mudou-se para a casa de uma de suas irmãs mais velhas, permanecendo ali até 1843, quando então emigrou para Nauvoo, Illinois, a fim de juntar-se ao grupo principal dos santos.

OBRA MISSIONÁRIA E MIGRAÇÃO

Enquanto morava em Nauvoo, John trabalhou como carpinteiro no templo. Ao ser chamado para uma missão de proselitismo no Canadá, ele e seu companheiro missionário, James Park, começaram a pregar na pequena comunidade fronteiriça de Brooke, no condado de Kent, Ontário. A mensagem do evangelho foi recebida com entusiasmo, e em pouco tempo 250 pessoas foram batizadas.

Os missionários incentivaram os membros novos a migrarem para Nauvoo. E assim, na primavera de 1845, os santos recém-convertidos prepararam carroças e parrelhas de animais para a viagem. O caminho que saía daquela pequena cidade não passava de uma trilha para trenós, de modo que os santos tiveram que cortar árvores



À ESQUERDA E ABAIXO: MOEDA, CORTESIA DO MUSEU DE HISTÓRIA E ARTE DA IGREJA; À ESQUERDA: MAPA, © NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY; ACIMA: O BATALHÃO MÓRMON, DE GEORGE M. OTTINGER

para abrir uma estrada. O entusiasmo dos membros novos de ir para Nauvoo foi tão grande que a trilha ampliada ficou conhecida como Estrada de Nauvoo, mantendo esse nome até os dias de hoje.

Quando aquele grupo de santos chegou a Nauvoo, viu-se em meio a um afã incansável para o término da construção do templo. Em pouco tempo, ficou evidente que as multidões enfurecidas nunca permitiriam aos santos morarem em paz naquele lugar. Quando o templo estava quase terminado, muitos santos receberam suas investidas do templo e, em fevereiro de 1846, cruzaram o rio Mississippi para procurar segurança no estado de Iowa.

SERVINDO NO BATALHÃO MÓRMON

Em 1846, em Council Bluffs, Iowa, o Presidente Brigham Young recebeu do governo dos Estados Unidos um apelo de enviar 500 homens capazes para formar um batalhão, que viajaria para a Califórnia, a fim de unir-se às forças de defesa na Guerra do México. John Borrowman aceitou o chamado e alistou-se como soldado raso na Companhia B. Na reunião de despedida, o Presidente Young profetizou que os homens do Batalhão Mórmon jamais teriam que enfrentar o inimigo em batalha. Essa profecia cumpriu-se, apesar das possibilidades em contrário. Mesmo assim, os soldados enfrentaram muitas dificuldades. Talvez a maior delas tenha sido a aridez das montanhas, onde havia pouco alimento e água.

Em 1846, John Borrowman uniu-se ao Batalhão Mórmon em sua jornada de 3.300 quilômetros, de Iowa até a Califórnia.

Apesar das duras condições que enfrentaram, os homens seguiram seus líderes com fidelidade e coragem. Conforme profetizado, nunca tiveram que lutar contra um ser humano em batalha, mas depararam com uma manada enfurecida de touros selvagens e chamaram o encontro de “a Batalha dos Touros”.

Contando com poucos suprimentos, os homens famintos e cansados abriram uma passagem bastante estreita (pouco centímetros mais larga que os carroções) ao subirem as tortuosas ravinas das montanhas desertas do sudoeste dos Estados Unidos. Foi um dia emocionante quando finalmente chegaram às encostas menos íngremes de onde avistaram pela primeira vez o oceano Pacífico.

Então, algo muito ruim aconteceu a John Borrowman. Devido ao cansaço, ele dormiu durante seu turno de guarda. Cochilou por apenas alguns momentos, mas foi denunciado por um atento sargento. Em tempo de guerra esse era um delito punido com a morte. Os soldados mórmons estavam sujeitos a seus comandantes militares e à lei do exército e por isso John foi imediatamente aprisionado. Durante as semanas seguintes, leu um Livro de Mórmon que pertencia a um amigo seu, sentindo-se



CULTIVANDO A TERRA, DE JOSEPH A. F. EVERETT, MURAL DO TEMPLO DE IDAHO FALLS; COPYRIGHT DA CORPORAÇÃO DO PRESIDENTE, A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS; REPRODUÇÃO PROIBIDA.

consolidado com a leitura.

Depois de ser posto em liberdade, determinou-se que sua soltura fora um erro, e John relutantemente voltou à prisão. Ele escreveu em seu diário que estava solitário e desconfortável: “Não tenho uma cama (. . .) apenas um cobertor e o chão úmido de tijolos para dormir” [Journal of John Borrowman (Diário de John Borrowman), 1846–1860, Departamento Histórico da Igreja, microfilme, 22]. Quando seu caso foi julgado, John recebeu a sentença de servir três dias a mais no alojamento da guarda e a passar três horas por dia na prisão. Confiscaram-lhe também três dólares de seu soldo. Apesar de sentir-se grato por sua vida ter sido poupada, considerou essa sentença um grande fardo e orou ao Senhor pedindo que fosse suspensa. Sua liberação veio de modo incomum. Quando o coronel do exército regular foi informado da sentença proferida pelo tribunal, ficou desgostoso com a complacência demonstrada. Não tinha, contudo, autoridade para mudar a sentença. Por esse motivo, dispensou John da pena, dizendo que era melhor não haver qualquer punição do que uma tão leve. John considerou essa decisão como a resposta de suas sinceras orações.

DESISTINDO DO OURO

Ao ser honrosamente dispensado do Batalhão Mórmon, John vendeu seu cavalo e comprou uma

passagem de navio para San Francisco, Califórnia. Ao chegar em San Francisco, encontrou uma pequena comunidade de santos que o ajudou a empregar-se como trabalhador braçal, recebendo dois dólares por dia. Após vários meses, John partiu para o leste a fim de juntar-se ao grupo maior de santos, no vale do Lago Salgado. Próximo a Sacramento, ficou sabendo que alguns membros do batalhão haviam encontrado ouro, enquanto trabalhavam num lugar chamado Sutter's Mill. John, então, tornou-se garimpeiro. Escreveu em seu diário que conseguia garimpar cerca de 25 a 60 dólares de ouro por dia, uma verdadeira fortuna em comparação a seu salário de trabalhador braçal.

No entanto, quando Brigham Young ordenou que todos os membros do batalhão fossem rapidamente para Salt Lake City, John e seus companheiros abandonaram imediatamente suas carreiras lucrativas como garimpeiros e partiram para a árdua jornada através das montanhas de Sierra Nevada, rumo ao vale do Lago Salgado. Assim que chegaram, John recebeu uma porção de terra na periferia da cidade, onde começou a trabalhar vigorosamente até transformá-la numa bela fazenda irrigada.

John escreveu de modo bastante desapaixonado a respeito de seu casamento, num registro datado de 22 de janeiro de 1849: “Não consegui escrever nada desde o dia dois deste mês (. . .) pois desde esse dia estive atarefado



FOTOGRAFIA DE DIÁRIOS, DE WELDEN ANDERSEN

Em 1853, John e Agnes Borrowman e seus cinco filhos foram chamados para sair de sua próspera fazenda em Salt Lake City e ajudar na colonização da cidade de Nephi. John registrou esse e outros acontecimentos em seu diário.

preparando os utensílios domésticos. Na noite do dia nove, casei-me e mudei-me para uma casa de tijolos que pertencia ao irmão Turbit, onde estou morando com minha mulher”. [Journal of John Borrowman (Diário de John Borrowman).]

SACRIFÍCIO PARA ESTABELECEER UMA COLÔNIA

John e sua mulher, Agnes Park, foram abençoados com cinco filhos. Em 1853, a família Borrowman deixou sua próspera fazenda em Salt Lake City, ao receber o chamado para uma missão de colonização em Nephi, Utah (cerca de 130 quilômetros ao sul). De acordo com um artigo publicado em um jornal local, John tornou-se um cidadão respeitável e honrado da pequena comunidade, servindo primeiramente como promotor e depois como juiz. Em 1869, John foi chamado para uma segunda missão de proselitismo no Canadá, deixando sua casa e família por dois anos. Os registros indicam que durante sua vida, John Borrowman ajudou a batizar mais de 1.100 conversos.

A HERANÇA DE JOHN

William Borrowman nunca perdoou o filho por filiar-se à Igreja. Proibiu toda a família de referir-se a John como irmão ou tio. Entretanto, Helen, a madrastra de John, manteve correspondência com ele ao longo dos

anos. Em 1857, ela escreveu-lhe dizendo que seu pai havia morrido, deixando instruções para que John recebesse como herança uma moeda de meio penny (o equivalente a cinco centavos de dólar americano).

Durante a vida, John desistiu de uma fazenda próspera no Canadá, abandonou os lucros certos que conseguiria nas minas de ouro da Califórnia e deixou uma fazenda pronta no vale do Lago Salgado — tudo isso aparentemente sem reclamar. Sempre que foi chamado pelo Senhor e para onde quer que fosse chamado, John Borrowman, da mesma forma que muitos outros santos, atendeu ao chamado sem hesitar.

Ao estudar a vida de meu trisavô, fiquei imaginando o que ele deve ter sentido ao receber sua herança. Creio que a seguinte escritura descreve melhor seu desejo de estar com o povo do Senhor:

“Outrossim o reino dos céus é semelhante ao homem, negociante, que busca boas pérolas:

E, encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha, e comprou-a.” (Mateus 13:45-46)

E assim, John Borrowman recebeu por herança uma pérola de grande valor, além de uma moeda de meio penny! □

As informações deste artigo baseiam-se no diário de John Borrowman, nascido em 13 de maio de 1816 e falecido em 28 de março de 1898.

Bem Sintonizado

Lisa M. Grover

A televisão pode ser maravilhosa — por seu intermédio podemos aprender sobre o mundo a nossa volta, entreter-nos e até espalharmos a mensagem do evangelho.

Entretanto, a televisão só é benéfica em doses adequadas. Eis aqui algumas coisas para se pensar na próxima vez em que se sentar em frente à televisão.

Antes de assistir à televisão, faça a si mesmo essas perguntas. Será que você:

- Terminou seus trabalhos escolares?
- Terminou seus afazeres domésticos?
- Fez um pouco de ginástica?
- Leu as escrituras?
- Perguntou a seus familiares como passaram o dia?

Em vez de assistir à televisão, você poderia:

- Fazer uma lista de várias coisas que sempre quis fazer e começar a fazê-las!
- Escrever em seu diário.
- Ler *A Liahona*.
- Ficar com seus familiares. (Assim eles também não serão tentados a ficar assistindo televisão.)
- Aprender a tocar um instrumento musical ou aumentar seu tempo de estudo, caso já saiba tocar.

Ao assistir televisão, faça-o de modo seletivo. Algumas sugestões:

- Determine quanto tempo por dia ou semana irá assistir televisão.
- Decida ao que irá assistir antes de ligar a televisão. Tente escolher programas edificantes.
- Planeje um programa de incenti-

vo. Após haver feito seu trabalho escolar ou lido algo edificante, dê a si mesmo meia hora de televisão como recompensa.

- Use o tempo em que assiste à televisão para ficar bem informado sobre os últimos acontecimentos, por intermédio de noticiários ou outros programas de informação.
- Se a televisão exibir algo vulgar ou inadequado, desligue-a!

Você acha que não consegue viver sem televisão? Os jovens da Ala I de Penasquitos, em São Diego, no Estado da Califórnia, fizeram um “jejum” de televisão. Eis os comentários de três moças sobre a experiência:

“Apesar de haver sentido falta de alguns de meus programas favoritos, não senti falta alguma da má influência que normalmente aparece na TV.

— Ann Hansen, 16

“Durante o período em que não assisti à televisão, estava tentando decidir para qual faculdade deveria ir e encontrei a tranquilidade para orar e receber a resposta de que necessitava.”

— Carrie David, 18



"Foi difícil fazer isso, mas senti que ao deixar de assistir à televisão tornei-me uma pessoa melhor para os outros."

— Tiffani Clark, 13

Qual é o problema afinal? Que tipo de influência a televisão exerce? Eis aqui o que alguns estudantes do seminário têm a dizer:

"Se você assistir à televisão em demasia, terá menos tempo para estudar e fazer seus trabalhos escolares."

— Coby Page, 17

"Se você tem um sistema de valores, ele determina que tipo de programas você assiste. Se você não tem um sistema de valores, os programas que você assistir irão determinar seu sistema."

— Candi Nickel, 17

"A televisão diminui o tempo que você tem para conversar e fazer coisas edificantes com sua família."

— Cara Adair, 17

"Algumas vezes, a televisão mostra pessoas que parecem divertir-se muito fazendo coisas erradas. Isso pode afetar sua maneira de ver as coisas."

— Melodie Moore, 17 □

ILUSTRAÇÃO DE DILLÉEN MAIGH





Acima: 24 de julho de 1847—
Emigration Canyon, de Valoy
Eaton, 1986. O desfiladeiro, pelo
qual atualmente passa importante
estrada de rodagem foi, há 150
anos, a primeira via de acesso dos
pioneiros ao Vale do Lago Salgado.

À esquerda: Push Along (Seguir
Adiante), de Gary Price, 1986;
bronze. A jornada dos pioneiros foi
uma prova heróica para a fé, cora-
gem, compromisso e cooperação em
família.

PIONEIROS!

Mostra de Recentes Tributos Artísticos

Em 1845, quando os primeiros pioneiros santos dos últimos dias iniciaram a jornada de 2.000 quilômetros pelas Grandes Planícies até o Vale do Lago Salgado, seguiram a visão dos líderes da Igreja, que desde 1834 pensavam nas Montanhas Rochosas como um refúgio para os santos.

Após a árdua viagem, os santos enfrentaram mais dificuldades e sofrimentos durante a colonização do Vale do Lago Salgado e de outras 700 comunidades do oeste.

A fé, coragem e tenacidade dos pioneiros, freqüentemente, têm servido como tema para os artistas da Igreja. As obras de arte expostas aqui são uma mostra de alguns desses tributos mais recentes. Esta seleção fez parte da exposição "A Imagem do Oeste", que se realizou no Museu de História e Arte da Igreja, em Salt Lake City, Estado de Utah. Todas as obras fazem parte do acervo permanente do museu, exceto as que tiverem outra indicação. Fotografias de Ron Read.



À esquerda: "Shall We Not Go On in So Great a Cause?"

("Não Prosseguiremos em Tão Grande Causa?"), de Clark Kelley Price, 1990. Os primeiros pioneiros guiaram-se pela visão de Joseph Smith, profeta e mártir, de que os santos se estabeleceriam nas Montanhas Rochosas.

Abaixo, à esquerda: Sunflowers and Buffalo Chips (Girassóis e Esterco de Búfalo), de Gary Kapp, 1987. As mulheres e as crianças juntavam esterco seco de búfalo para usar como combustível para cozinhar, já que a madeira era muito escassa nas Grandes Planícies.

Acima, à direita: Water Boy III (Garoto da Água III), de Bill L. Hill, 1988; emprestado por Marlys Larsen. Como os pioneiros que os antecederam, muitos santos de nossos dias vivem do árduo trabalho na lavoura. O artista lembra-se de que sempre levava água para seu pai, que trabalhava no campo.

À direita: Jacob Hamblin, de L'Deane Trueblood, 1975; bronze. Jacob Hamblin (1819–1886), que muitas vezes era chamado de "apóstolo dos lamanitas", foi um pacificador e missionário da Igreja entre os índios americanos. Na escultura, ele aparece com seu filho adotivo índio. □





UMA QUINTA-FEIRA COMUM

Grabrielle Larose

Era uma quinta-feira como qualquer outra. Meu marido, Jean-Pierre, fora para o trabalho, meus filhos mais velhos para a escola e os mais novos e eu estávamos em casa em Val d'Or, Quebec. Era um dia comum, e comecei a fazer minhas tarefas rotineiras de lavar e passar as roupas, limpar a casa e cozinhar.

Por volta das duas e meia da tarde, precisei descansar um pouco. Sentei-me por alguns minutos e peguei minhas escrituras. Estava lendo o Livro de Mórmon, mas, por alguma razão abri a Pérola de Grande Valor e comecei a ler sobre a Criação no livro de Moisés.

Enquanto lia, algo surpreendente aconteceu. Não conseguia parar de ler. Senti que conseguia compreender num nível mais profundo do que jamais havia compreendido antes, não apenas por meio de palavras, mas por intermédio de impressões espirituais. Não consegui deixar o livro de lado e esqueci-me completamente do tempo. Quando minha família voltou, não havia terminado o serviço doméstico nem havia feito o jantar.

Não sabia por que havia passado por esta experiência maravilhosa até que alguns dias mais tarde, encontrei Noël e Huguette Demers na igreja. Eles haviam voltado recentemente de suas férias de três semanas, durante as quais foram ao Templo de Washington, a mais de 1.600

km de casa. Algumas semanas antes de partirem, pedira a eles que fizessem o trabalho vicário por alguns de meus antepassados, cujos nomes eu enviara ao templo. Como ainda não recebera minha investidura, não pude fazê-lo pessoalmente. Noël e Huguette não sabiam quando iriam ao templo, mas prometeram que fariam o trabalho por meus antepassados, se possível. Nesse ínterim, esqueci-me do pedido que havia feito.

Naquele domingo, ao conversar com Noël e Huguette, descobri que eles haviam feito o que lhes pedira. Imediatamente quis saber o dia exato em que haviam ido ao templo. "Foi há uma semana", disseram, "numa quinta-feira." Compreendi que aquela quinta-feira em que tive a experiência espiritual mais extraordinária de minha vida era a mesma em que o trabalho vicário estava sendo realizado.

Dez anos mais tarde, quando fui ao templo fazer minha própria investidura, compreendi e fiquei ainda mais grata pela bênção que o Pai Celestial me havia proporcionado ao permitir que eu sentisse o espírito do templo naquela tarde de uma quinta-feira comum. □

ILUSTRAÇÃO FEITA ELETRONICAMENTE, POR PAT GERBER; DETALHE DE ADÃO E EVA NO JARDIM, DE STANLEY GALLI; FOTOGRAFIA DE FPG INTERNATIONAL, FLOYD E WILLIE HOLDMAN E CRAIG DIMOND; FOTOGRAFIA COM MODELO.



P I O N E I R O S D



Da mesma forma que muitos outros pioneiros de toda a Igreja, os primeiros santos dos últimos dias da Bolívia, Equador e Peru abriram o caminho, com fé e testemunho, dando um exemplo que seria seguido por muitas pessoas.

Allen Lister

Desde o topo do Altiplano, que se estende do norte da região central da Bolívia ao sul do Peru, até a densa e verde floresta da bacia amazônica a leste e as áridas planícies costeiras a oeste, o evangelho restaurado de Jesus Cristo encontrou solo fértil no noroeste da América do Sul. Desde o início da pregação do evangelho, em 1956, os membros pioneiros da Igreja na Bolívia, Equador e Peru abriram o caminho para milhares de pessoas, com fé e testemunho.

A situação política e econômica desses países tem sido um sério entrave ao crescimento da Igreja, mas o progresso do trabalho missionário entre esses povos tem sido constante e até mesmo extraordinário, em algumas áreas. Cada um desses países tinha apenas algumas centenas de membros na década de 60, mas por volta de 1970, o total de membros atingiu a marca de 15.000

pessoas. Em 1980, o número de membros havia saltado para 14.000 na Bolívia, 19.000 no Equador e 23.000 no Peru. Quarenta anos depois da chegada dos primeiros missionários de tempo integral, a vida e o trabalho dos membros e dos missionários elevaram o total de membros da Igreja nos três países para aproximadamente 500.000 pessoas.

SINCERIDADE EM SUA MENSAGEM

Quando os missionários de tempo integral visitaram pela primeira vez a casa de Roberto e Elisabeth Vidal, em 1957, a irmã Vidal sentiu sinceridade em sua mensagem e foi movida a pedir-lhes que voltassem quando seu marido estivesse em casa. Roberto hesitou em receber os missionários, mas respeitou o compromisso assumido por Elisabeth.

Depois da primeira palestra missionária, Roberto, que na época era membro ativo de outra igreja, na cidade costeira de Lima, Peru, decidiu ler os folhetos que os missionários lhe haviam deixado a fim de

descobrir e apontar as contradições e os erros de interpretação das escrituras neles existentes. Contudo, depois de ler e estudar a noite inteira, convenceu-se de que os missionários lhe haviam ensinado a verdade. Desse momento em diante até o dia de sua morte, em 1989, Roberto Vidal nunca mais duvidou da veracidade do evangelho restaurado e sempre procurou fazer com que a luz do testemunho e da verdade brilhasse em suas palavras e ações.

Quando os missionários lhe apresentaram a mensagem do evangelho, Roberto Vidal era executivo júnior de um banco. Era jovem, brilhante, trabalhador e comunicativo, e chegou a tornar-se vice-presidente sênior de um dos maiores bancos particulares do Peru. Quase todos com quem Roberto lidava profissionalmente

À esquerda: Machu Picchu, Peru, antiga cidade inca. À direita: Roberto Vidal, um dos primeiros membros da Igreja no Peru, foi batizado em 1957.





FOTOGRAFIA DE MARINDA TABANGO

sabiam que ele era *mórmon* e respeitavam-no por seus princípios e padrões.

O respeito que muitas pessoas tinham pelo irmão Vidal ficou patente para os missionários que trabalhavam em Cajamarca, Peru, no final da década de 70. Querendo vencer a oposição e o preconceito religioso com que eram recebidos, os missionários fizeram os acertos necessários para realizar uma exposição de uma semana em um edifício municipal, com mostras e explicações sobre o Livro de Mórmon e sua relação com os antigos habitantes da América.

Um dia antes da abertura da exposição, que fora bastante divulgada, os funcionários públicos municipais informaram aos missionários que um líder religioso local lhes havia instruído a não permitirem sua realização. Frustrados e desanimados, os

Acima: Rafael Tabango, sua mulher, Teresa, e família. À direita: O Mercado de Otavalo, Equador. Página oposta: O Presidente Spencer W. Kimball cumprimenta calorosamente Rafael Tabango, durante a dedicação do templo de São Paulo, em 1978.

missionários encontraram por acaso o gerente do banco local, com quem já haviam conversado a respeito da Igreja. Sabendo do problema que estavam enfrentando, ele telefonou para o irmão Vidal, em Lima.

“Señor Vidal, sei que o senhor é *mórmon*”, disse ele. “Tenho grande respeito pelo senhor. Alguns de seus missionários encontram-se em situação difícil. Estou disposto a usar de minha influência nesta comunidade



FOTOGRAFIA DE ALLEN LUTSTER

para ajudá-los, se o senhor garantir-me que a causa deles é justa.”

O irmão Vidal pediu ao executivo do banco que ajudasse os missionários. Como resultado, a exposição foi um sucesso.

No início da década de 70, o irmão Vidal já havia servido como presidente de ramo, presidente de distrito e conselheiro da presidência da missão andina. Nessa época, o Élder Gordon B. Hinckley, do

Quórum dos Doze Apóstolos, e o Élder A. Theodore Tuttle, dos Setenta, viajaram para Lima, Peru, a fim de organizarem a quingentésima primeira estaca de Sião e chamaram o irmão Vidal para ser o presidente da nova estaca. Depois disso, ele serviu como representante regional em diversas regiões do Peru.

A aposentadoria do irmão Vidal de seu trabalho no banco coincidiu com o estabelecimento dos escritórios da Área Andina da Igreja (hoje Área América do Sul Norte) em Lima, e ele tornou-se assistente

executivo do diretor de assuntos temporais. O irmão Vidal recebeu outro importante chamado em 1985, ao ser designado presidente da missão Equador Quito.

No ano seguinte, na dedicação do templo de Lima, Peru, o Presidente Hinckley expressou sua preocupação com a ausência do irmão Vidal, que tanto havia feito para divulgar o evangelho e fortalecer a Igreja no Peru. O irmão Vidal recebeu autorização para viajar de Quito até Lima, a fim de participar da memorável experiência espiritual que seria a

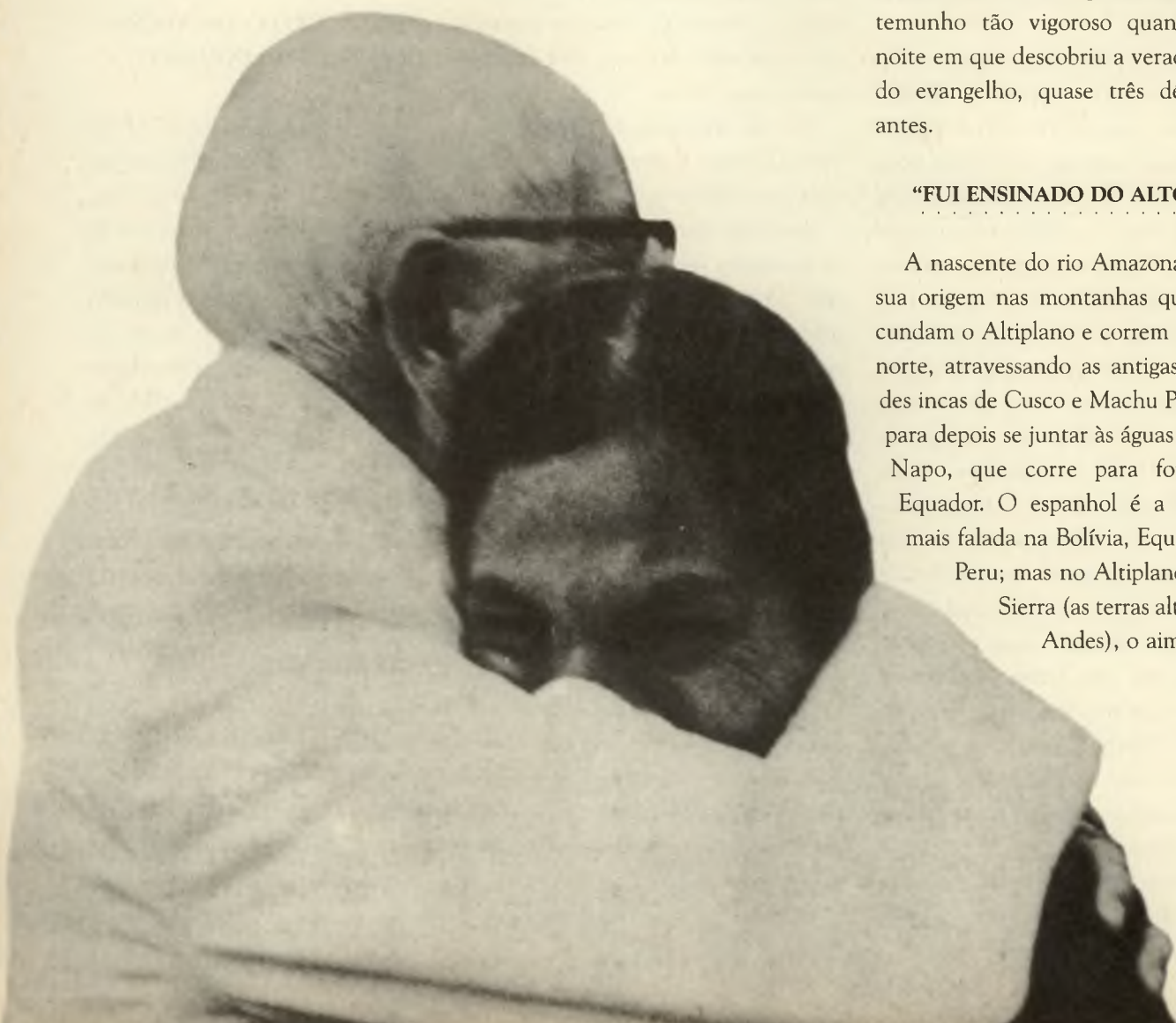
dedicação do templo.

Pouco depois de terminar seu serviço como presidente de missão, o irmão Vidal foi chamado como registrador do templo de Lima, Peru. Enquanto servia como registrador do templo, descobriu-se que ele estava com câncer. Apesar de ser obrigado a passar suas responsabilidades para um substituto devido ao avanço da doença, o irmão Vidal não foi desobrigado do cargo de registrador.

O irmão Vidal veio a falecer no dia em que foi designado o novo registrador do templo — havia concluído seu trabalho e possuía um testemunho tão vigoroso quanto na noite em que descobriu a veracidade do evangelho, quase três décadas antes.

"FUI ENSINADO DO ALTO"

A nascente do rio Amazonas tem sua origem nas montanhas que circundam o Altiplano e correm para o norte, atravessando as antigas cidades incas de Cusco e Machu Picchu, para depois se juntar às águas do rio Napo, que corre para fora do Equador. O espanhol é a língua mais falada na Bolívia, Equador e Peru; mas no Altiplano e na Sierra (as terras altas dos Andes), o aimará, o



quéchua e o quíchua são as línguas predominantes.

Apesar de o trabalho de proselitismo ter-se concentrado inicialmente nas cidade costeiras, logo foi levado para o Altiplano e para cidades serranas como Otavalo, Equador, que se situa em um verdejante vale, cerca de 100 quilômetros a nordeste da capital, Quito. Os moradores de língua quíchua da região são, em sua maioria, índios otavalo, um povo vigoroso e trabalhador que, depois de aceitar o evangelho restaurado, formaram a primeira estaca de língua não-espanhola no oeste da América do Sul.

Um dos primeiros índios otavalo a aceitar o evangelho foi Rafael Tabango, que morava em um pequeno lote de terra na periferia da cidade. Apesar de não saber ler muito bem, Rafael foi profundamente tocado pelo Espírito ao ouvir a mensagem de dois missionários que o visitaram e logo ganhou um testemunho do Livro de Mórmon. Depois de ser batizado, dedicou-se, juntamente com sua família, ao serviço do Senhor. Todos os domingos, desde seu batismo, o irmão Tabango sempre ia até a pequena casa alugada onde eram realizadas as reuniões da Igreja e entregava um envelope contendo seu dízimo e suas ofertas ao missionário que servia como presidente do ramo. A pequena renda do irmão Tabango provinha de seu emprego em uma fiação e do que conseguia plantar em sua pequena propriedade.

Não muito depois de seu batismo, a irmã Tabango e vários filhos ficaram

muito doentes. O irmão Tabango orou para que se recuperassem e fez tudo o que pôde para dar-lhes assistência médica. No domingo, quando o irmão Tabango entregou ao presidente do ramo suas doações da semana, o jovem missionário devolveu-lhe o envelope, expressando sua preocupação de que o irmão Tabango precisaria do dinheiro para comprar remédios durante a semana.

O irmão Tabango voltou a entregar o envelope ao missionário, com muita convicção, e disse: "Presidente, esse dinheiro não é meu. Ele pertence ao Senhor. Não tenho o direito de comprar remédios com esse dinheiro. Por favor, aceite meu dízimo".

No dia seguinte, as orações do irmão Tabango foram respondidas, e toda a sua família recobrou a saúde.

Ao longo dos anos, a casa humilde da família Tabango foi abençoada com 15 filhos, mas apenas quatro sobreviveram além da idade de cinco anos. A fé do casal, contudo, não se abalou. No outono de 1978, à custa de grande sacrifício pessoal, o irmão e a irmã Tabango cruzaram o continente sul-americano e foram ao Brasil para a dedicação do templo de São Paulo, onde reencontraram-se com o Presidente Spencer W. Kimball, que os cumprimentou com muito carinho. Depois da dedicação, o casal recebeu sua investidura e foi selado, alcançando a esperança e a certeza de terem uma família eterna. Mais tarde, as crianças falecidas foram seladas ao casal para a eternidade.

O irmão Tabango não deixou que

sua pouca escolaridade o impedisse de estudar e compreender o evangelho. Quando o Élder Tuttle lhe perguntou como havia adquirido uma compreensão tão profunda do Livro de Mórmon, o irmão Tabango respondeu: "Eu fui ensinado do alto".

O entendimento espiritual do irmão Tabango permitiu-lhe magnificar seu chamado como o primeiro presidente de ramo entre os índios otavalo e primeiro presidente de distrito. Em 1981, tornou-se o primeiro patriarca da estaca Otavalo Equador, de língua quíchua.

"IREI À IGREJA COM VOCÊS NO PRÓXIMO DOMINGO"

Na metade da década de 60, os missionários que trabalhavam no bairro de Magdalena, em Lima, Peru, gostavam de parar na mercearia de Teresa Gai para tomar um refrigerante e conversar um pouco. A pequena *bodega* (mercearia) tinha menos de 75 metros quadrados, e as prateleiras exibiam uma limitada variedade de latas e embalagens de alimentos. Para sua proprietária, a visita dos bem-educados missionários trazia lembranças de uma época mais feliz.

Antes da Segunda Guerra Mundial, a família de Teresa tinha uma vida confortável em sua terra natal, a Itália. Teresa chegou a receber um título equivalente ao atual Miss Itália. O governo, porém, confiscou a propriedade da família, e eles foram forçados a fugir de sua amada terra natal. Teresa acabou indo para o Peru, onde casou-se e teve um filho. O marido de Teresa faleceu e



seu único filho casou-se e foi morar em outro lugar.

Teresa passava todo o seu tempo trabalhando na *bodega*, que tinha um modesto apartamento de dois cômodos nos fundos, começando bem cedo pela manhã até tarde da noite, sete dias por semana. Ela gostava da oportunidade de fazer amizade e oferecer apoio moral aos missionários, que estavam longe de casa. Os missionários, por sua vez, gostavam da oportunidade de compartilhar a mensagem do evangelho com Teresa.

Quando os missionários começaram a ensinar Teresa, ela sentiu-se tocada pelo espírito da mensagem. Mas achava que não lhe seria possível santificar o dia do Senhor. O domingo, afinal de contas, era um dia excelente para a pequena *bodega*. Os missionários incentivaram Teresa a ir à Igreja com eles, mas ela sempre recusava o convite, não querendo comprometer-se a fechar seu negócio no domingo. Depois de muito pensar, ela prometeu: "Irei à Igreja com vocês no próximo domingo".

Poucos dias mais tarde, para sua consternação, Teresa deu-se conta de que havia prometido fechar sua

bodega para ir à igreja na véspera do Ano Novo, seu dia mais lucrativo do ano! Ela já havia planejado fechar no dia de Ano Novo, o que significava que sua loja permaneceria fechada por dois dias, abrindo apenas na terça-feira, o dia menos rentável da semana.

Imaginou como poderia eximir-se do compromisso, mas para Teresa Gai, promessa era promessa. Fechou a mercearia e foi à igreja com os missionários. Gostou muito da reunião, mas não conseguia parar de pensar nas pessoas que iriam procurar outro lugar para fazer as compras da festa de Ano Novo.

Na tarde e na noite do domingo, de seu apartamento dos fundos, ouviu os fregueses batendo na porta de aço da loja. Foi difícil ignorá-los. As pessoas dependiam dela. Será que compreenderiam? Voltariam a comprar na *bodega*? Sem nenhuma renda por dois dias seguidos, será que conseguiria repôr o estoque das prateleiras na semana?

Bastante preocupada, Teresa abriu sua *bodega* na manhã da terça-feira. Para sua surpresa, vendeu mais e ganhou mais dinheiro naquele dia

Os membros da ala La Florida, estaca Trujillo Peru, em Chimbote, Peru, são um exemplo do rápido crescimento que a Igreja já apresentava na América do Sul, por volta da década de 70, apenas duas décadas após o batismo dos primeiros membros do Peru.

do que em qualquer outro desde que abrira a loja. Sentiu intensamente que o Senhor a havia abençoado por ter santificado o dia do Senhor. Teresa nunca mais abriu sua *bodega* aos domingos.

Num velho caderno onde Teresa anotava suas vendas, vê-se uma linha grossa riscada no meio de uma das páginas. Os lucros diários anotados depois da linha são significativamente maiores.

"Essa linha marca o dia em que fui batizada", disse Teresa, anos mais tarde, com lágrimas nos olhos. Sentia-se especialmente grata pelo testemunho do evangelho restaurado e as muitas bênçãos espirituais que enriqueceram sua vida depois de filiar-se à Igreja.

Imediatamente após seu batismo, a irmã Teresa começou a trabalhar



FOTOGRAFIA DE DON I. SEARIE

ativamente na Igreja, com seu entusiasmo característico e a disposição de aceitar chamados para servir. Encontrou muita felicidade no evangelho. Irradiava alegria e animava as pessoas a seu redor, incluindo os missionários que serviam naquele bairro de Lima. Levando em conta todos os doces que deu aos missionários, é de se admirar que não tenha ido à falência.

Em 1986, a irmã Teresa assistiu à dedicação do templo de Lima, Peru. O templo deu-lhe a última oportunidade de doar-se no serviço ao próximo. A irmã Teresa, na época com quase oitenta anos de idade, aceitou com gratidão o chamado de trabalhar como oficiante no belo templo novo.

“TODAS AS MINHAS DÚVIDAS FORAM RESPONDIDAS”

As pessoas que visitam La Paz, Bolívia, situada a uma altitude de 3.800 metros, na borda ocidental do Altiplano, invariavelmente apresentam dificuldade para respirar nos primeiros dias, devido ao ar rarefeito das montanhas. As

influências do mundo ocidental são cada vez mais evidentes nesta movimentada cidade, mas os hábitos em La Paz ainda são bastante tradicionais. Na metade da década de 60, os membros da Igreja dos três ramos iniciantes condenados ao ostracismo pela sociedade local por sua cultura “estranha” que desafiava as tradições centenárias.

Um desses membros foi Jorge Leaño, que aceitou o convite de um colega de trabalho para ouvir a mensagem de dois missionários norte-americanos. Jorge ficou tão impressionado com o relato da Primeria Visão de Joseph Smith que desejou que sua mulher, Zorka, ouvisse também. A irmã de Zorka já ouvira os missionários um ano antes, na cidade de Cochabamba, na região central da Bolívia, e, por isso, Jorge e Zorka aceitaram recebê-los em sua casa.

Quando os missionários terminaram as palestras e desafiaram a família para o batismo, os Leaño disseram que não poderiam estar prontos assim tão cedo. Os missionários desafiaram novamente a família a ler o Livro de Mórmon e a orar a respeito das coisas que haviam ouvido. Até

então, Jorge e Zorka tinham orado somente no final de cada palestra, junto com os missionários.

Acima: Santos do Equador reunidos em uma conferência de estaca. À direita: Jorge e Zorka Leaño, presidente e diretora do templo de Lima, Peru, abaixo, reconhecem que somente com a ajuda do Pai Celestial conseguiram cumprir as responsabilidades que lhes foram designadas desde que se filiaram à Igreja em 1965, em La Paz, Bolívia.





Naquela noite, pela primeira vez desde que se haviam casado, Jorge e Zorka ajoelharam-se e oraram ao Pai Celestial. Fizeram-no com grande sinceridade e o desejo de cumprir a vontade do Pai Celestial, conforme lhes fosse revelado. Ambos sentiram o Espírito testemunhar-lhes vigorosamente que a mensagem do evangelho restaurado de Jesus Cristo era verdadeira e que o Livro de Mórmon era a palavra de Deus. No dia seguinte, disseram aos missionários que estavam preparados para o batismo. Em 19 de setembro de 1965, tornaram-se membros da Igreja.

Ao progredir no evangelho, Jorge ficou convencido de que Deus havia, de fato, falado ao homem novamente. "Todas as minhas dúvidas foram respondidas, sobre de onde viéramos, por que estávamos na Terra e qual seria nosso futuro eterno", disse ele.

Depois do batismo, Jorge teve que abandonar vários hábitos sociais relacionados com sua promissora carreira bancária. A princípio, foi alvo de zombaria e piadas dos colegas de trabalho, que estavam interessados em ver quanto tempo ele conseguiria passar sem beber ou fumar. Jorge, porém, permaneceu fiel a seus convênios, e os que antes o criticavam acabaram tornando seus maiores defensores contra os que o pressionavam a quebrar a Palavra de Sabedoria.

A respeito daqueles primeiros dias em que era um dos únicos santos dos últimos dias pioneiros na Bolívia, o irmão Leaño conta: "Aprendi que se não nos envergonharmos da Igreja e

do evangelho, seremos imensamente abençoados."

Naqueles primeiros anos da Igreja, Jorge e Zorka enfrentaram sérios problemas financeiros. Certa ocasião, necessitavam desesperadamente de dinheiro para comprar sapatos e outros artigos essenciais para seus quatro filhos, mas o único dinheiro que possuíam era o que haviam separado para pagar o dízimo. Será que não poderiam pedir "emprestado" por algum tempo aquele dinheiro para comprar sapatos? A irmã Zorka expressou seus mais profundos sentimentos de que o dinheiro não lhes pertencia e que deveriam pagar rapidamente o dízimo para não serem tentados a usar o dinheiro para outro propósito.

O irmão Jorge procurou imediatamente os líderes do ramo e entregou-lhes seu dízimo. No caminho para casa, ficou pensando: "E agora, o que farei? Onde conseguirei o dinheiro que preciso?" Chegando em casa, Jorge descobriu com surpresa e gratidão que seus filhos haviam achado uma nota de 100 bolivianos dentro de um pequeno vaso de flores de plástico que haviam encontrado. O dinheiro era suficiente para comprar os sapatos de que tanto precisavam. Desde aquele dia, o irmão Jorge sempre prestou testemunho da lei do dízimo.

A vida do irmão Jorge foi inteiramente dedicada ao serviço do Senhor. Não muito depois de seu batismo, ele foi chamado para a presidência do ramo de La Paz. Mais tarde, serviu como presidente do ramo, presidente de distrito e presidente da estaca, ao

ser criada a estaca de La Paz; em 1979. Quatro anos depois, foi ordenado como o primeiro patriarca da estaca. Também serviu duas vezes como representante regional, e entre esses chamados (de 1987 a 1990), foi presidente da missão Colômbia Cali.

Desde 1995, o irmão e a irmã Leaño servem como presidente e diretora do templo de Lima, Peru, um chamado que consideram "*muy, muy especial*" (muito, muito especial).

"Sempre que o Senhor me chama para servir, sinto-me despreparado e inadequado, mesmo depois de muito tempo após ter recebido o chamado", diz o irmão Jorge, após refletir um pouco. "Mas sei que o Senhor tem um plano que é muito bem organizado. Mesmo que eu me sinta inadequado, o Senhor sempre me abençoou e colocou-me à altura das responsabilidades a minha frente."

Por que a Igreja atraiu tantas pessoas fiéis e valentes nos países do noroeste da América do Sul? Jorge Leaño responde a essa pergunta:

"Em primeiro lugar, porque a maioria das pessoas são descendentes diretas da casa de Israel. Elas têm no sangue o poder de acreditar na mensagem verdadeira do evangelho", diz ele. "Em segundo lugar, devido aos excelentes líderes que o Senhor preparou para a Igreja, a começar pelos missionários. Em terceiro lugar, por causa da história desses países. Houve muitos que procuraram tirar proveito desses povos e humilhá-los. Mas eles querem progredir e têm grande esperança em Jesus Cristo e na Sua igreja." □



O Final da Rua Parley, de Glen S. Hopkins

Quando a violência do populacho forçou os santos a abandonar seus lares em Nauvoo, eles tiveram que enfrentar o primeiro de muitos desafios: a travessia do rio Mississippi em pleno inverno.



As escrituras ensinam que
devemos levar “as cargas uns
dos outros e assim [cumprir] a
lei de Cristo”. (Gálatas 6:2) No alto de uma
montanha na Noruega, esses jovens apren-
deram que, quando enfrentam dificuldades,
é importante ter amigos para ajudá-los. Ver
“Partilhar o Fardo”, página 10.

